



*Fernando Pessoa*

**Vinte Anos de Poesia Ortónima**

**III**

**1931-1933**



PESSOANA • EDIÇÕES

**N** I M P R E N S A  
N A C I O N A L



**Vinte Anos de Poesia Ortónima**

**III**

**1931-1933**



© Ivo Castro e Imprensa Nacional-Casa da Moeda.

Esta edição digital pode ser descarregada gratuitamente.

A citação e a reprodução total ou parcial são autorizadas, devendo a proveniência ser indicada da seguinte forma:

«Fernando Pessoa. *Vinte Anos de Poesia Ortónima. III — 1931-1933*, edição de Ivo Castro. ed. digital gratuita, Lisboa, Imprensa Nacional, 2020».

Os textos que formam esta edição foram inicialmente publicados no vol. 1, tomo IV, da Edição Crítica de Fernando Pessoa: *Poemas de Fernando Pessoa — 1931-1933*, edição de Ivo Castro, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2004.

A estrutura e o conteúdo dessa edição-mãe são conservados, com as seguintes intervenções principais: foram corrigidas gralhas, foram revistas leituras, foi adotada a ortografia oficial vigente, foram retirados os instrumentos críticos acessórios do texto (aparatos, anotações, introduções, índices, etc.), em alguns volumes foram retirados textos incompletos. Para facilitar o cotejo com a edição-mãe, os textos mantêm o número que aí tinham, o que explica alguns saltos na numeração desta edição digital.

Janeiro de 2021.

*Fernando Pessoa*  
**Vinte Anos de Poesia Ortónima**  
**III**  
**1931-1933**  
Edição de Ivo Castro

PESSOANA • EDIÇÕES

LISBOA 2020

**N** I M P R E N S A  
N A C I O N A L



## ÍNDICE GERAL

### POEMAS 1931-1933

1	Cai amplo o frio e eu durmo na tardança	19
2	Na orla do vento movem	19
3	Oiço o sussurro do vento	20
4	Gato que brincas na rua	20
5	Dize-me. Cantas à beira	21
6	Em segredo, não vá	21
7	No mar alto, no mar largo,	22
8	Algures no tempo ido,	22
9	Se o rouxinol falasse, não cantava.	23
10	Não: não digas nada!	24
11	Andavam de noite aos segredos	25
12	Parece às vezes que desperto	25
13	Diz o jornal que ontem morreste.	26
14	Nos tanques verdes por cima	27
15	Nos seixos ou pedregulhos	27
16	O ruído vário da rua	28
17	Cheguei à janela,	29
18	Não tendo nada que fazer,	29
19	Na rua desabitada	30
20	No fim do mundo, onde a paisagem	30
21	De onde é quási o horizonte	31
22	Há dias de tanta angústia	32
23	Não, falar não, cantar só.	32
24	Não tive tão bom passado,	33
25	Há um murmúrio na floresta.	34
26	O vento tem variedade	34
27	Já ouvi doze vezes dar a hora...	35
28	Paisagens, quero-as comigo.	35
30	Quando é que o cativoiro	36
31	Sonhei. Desperto. Um tédio doloroso	37
32	Suavíssimo, como se fora	37

33	Não sei porque é que sou assim.	38
34	Sim, a música, e já a mulher	38
35	Abertura do Itinerário	39
36	No fundo do pensamento	40
37	Há nas danças populares	41
38	«Toda esta noite choveu	41
39	Tenho dores de cabeça.	42
40	Gostava que me explicassem	42
41	Como chove! Um desalento	43
42	Nas nuvens brancas que lentam	43
43	Na viagem até nada	44
44	Num dia silencioso	44
45	Morreste. Veio a notícia	45
46	No meio da noite	45
47	Abro a janela. É madrugada.	46
48	O mau aroma alacre	46
49	Vão breves passando	47
50	Vaga, no azul amplo solta,	47
51	Fito-me frente a frente	48
52	Em plena vida e violência	49
53	Não tenho quinta nenhuma.	49
54	Quem me dera, entre arvoredos,	50
55	A noiva do rei sem reino	50
56	Vou passando pelo bosque,	51
57	Não sei ser triste a valer	51
58	Tenho sono em pleno dia.	52
59	Sou um evadido.	53
60	As nuvens são sombrias	53
61	Para além do arvoredo	54
62	Guardo ainda, como um pasmo	55
63	O inverno passa, tardando	55
64	Se penso mais que um momento	56
65	Das flores o não-me-esqueças	56
66	Deus te livre de estar onde estás,	57
67	Poemas de Lisboa	57

68	Desfaze a mala feita pra a partida!	58
69	Se estou só, quero não star,	58
70	Bem, hoje que estou só e posso ver	59
71	Agita as árvores um vento	60
72	Chora como gente o vento,	60
73	Minha vida tem sido, em suma,	60
74	E acho que todo poeta	61
75	No céu da noite que começa	61
76	Desejo partir,	61
77	Alma nobre, espiritual e subtil,	62
79	Gosto de imaginar cousas.	62
80	Bom vento do mar, bom vento	63
81	Quanto estou só reconheço	63
82	Chamou uma voz do monte.	64
83	Ali Sim	65
84	Não: era só um canto,	66
85	Ela era só o canto	66
86	A aldrava soa na noite	67
87	Quando será dia	67
88	Vê-la faz pena de speranza.	68
90	Os galos cantam e eu estou bebedíssimo.	68
91	Loura, elançada naquela	69
92	Chez	69
93	Uma maior solidão	70
94	Chove. Que fiz eu da vida?	70
95	D. Miguel Primo de Rivera Marquês de Estella	71
96	Vem dos lados da montanha	71
97	Desperto sempre antes que raie o dia	72
98	Clareia cinzenta a noite de chuva,	72
99	A lua (dizem os ingleses)	73
100	Sol de inverno triste e frio	73
101	Teu nome ouvido em segredo	74
102	As lentas nuvens fazem sono,	74
103	Tão linda e finda a memoro!	75
104	Oscila a lâmpada vazia	75

105	Oscila a lâmpada vazia	75
106	O dia splende, luminoso e vasto.	76
107	Traze, da neve e do luar,	76
108	Segundo Grau	77
109	Desperto de sonhar-te	78
110	Pela janela da noite	78
111	Em que pensas quando	79
112	Pesa o sono que perdi	79
113	Dói-me a alma como um corpo, e o peso todo	80
114	Não, não é nesse lago entre rochedos,	81
115	Que é afinal o que ela canta?	81
116	Já, entre o sono e o sonho,	81
117	Não quero nada, nem palavras, nem verdade.	82
118	Foi entre as ruínas encontrada	83
119	Loura e quase que esguia	83
120	Passa no sopro da aragem	84
121	Chuva? Gotas como bagos,	84
122	O peso inútil de haver horas,	85
123	Há quasi um ano não screvo.	85
124	Fúria na noite o vento	86
125	A morte é a curva da estrada,	86
126	Dizia o Guerra Junqueiro	87
127	Lembro-me ou não? Ou sonhei?	87
128	Basta pensar em sentir	87
129	Como nuvens pelo céu	88
130	Bendito galo que cantas	88
131	O sono é suave, mas o meio-sono	89
132	Ah, feliz quem não pensa, porque a vida,	90
133	Porque sou tão triste ignoro	90
134	Quando já nada nos resta	91
135	A aranha do meu destino	91
136	Ah, só eu sei	92
137	No meu sonho estiolaram	92
138	Lâmpada deserta,	92
139	Já a beleza vejo com a mente	93

140	Ignora e spera. Quantos, por saberem,	93
141	Lisboa	94
142	Vinha elegante, depressa,	94
143	Lá fora onde árvores são	95
144	Nada que sou me interessa.	95
145	O ponteiro dos segundos	96
146	Depois que o som da treva, que é não tê-lo,	96
147	Rala cai chuva. O ar não é escuro. A hora	97
148	Casa de campo, quarto sobre a estrada;	98
149	Oscila o incensório antigo	98
150	Ouçõ sem ver, e assim, entre o arvoredõ,	99
151	<i>Rondeau</i>	99
152	Numa árvore pousada,	100
153	Monte Abiegno	101
154	Quem me diz que sou quem julgo?	104
155	Na sombra do Monte Abiegno	105
156	Do vale à montanha,	106
157	Uma névoa de outono o ar raro vela,	107
158	Que suave é o ar! Como parece	107
159	Cansa sentir quando se pensa.	108
160	Não meu, não meu é quanto escrevo.	108
161	Ligeia	109
162	Supõe que morres amanhã.	110
163	Sorriso audível das folhas,	110
164	A roupa estendida ao vento	111
165	Nesta vida em que sou meu sono,	112
166	Vai pela estrada que na colina	113
167	Vi passar, num mistério concedido,	114
168	Que temes? A névoa desce	114
169	Eu sou uma antologia.	115
170	Ladram uns cães a distância,	115
171	Na erva brincam meninos	116
172	Por mais que tente, não me desembrulho.	117
172A	Como os melhores, nada fiz da vida.	117
173	Leves véus velam, nuvens vãs, a lua.	118

174	Quero, terei —	118
175	Cabeça augusta, que uma luz contorna,	119
176	É um campo verde e vasto,	119
177	Alhures a alma peca: o Inferno é o Mundo,	120
178	Deixei de ser aquele que esperava...	121
179	Quando, com razão ou sem,	121
180	Às vezes a chuva é sol,	122
181	Quem bate à porta de eu ser	122
182	Sim, ninguém me compreende.	123
183	Na noite em que não durmo	123
184	Penso em ti no silêncio na noite, quando tudo é nada,	124
185	Assim, sem nada feito e o por fazer	124
186	Vai alta a nuvem que passa	125
187	O piano doutro andar	126
188	A novela inacabada	127
189	Sim, farei...; e hora a hora passa o dia...	127
190	Todas as coisas que há neste mundo	129
191	Tendo criado o mundo	130
192	Passa uma nuvem pelo sol.	130
193	É suave o dia, suave o vento.	131
194	Entre o luar e a folhagem,	131
195	Nuvens sobre a floresta...	132
196	Oiço, como se o cheiro	132
197	Depus, cheio de sombra e de cansaço,	133
198	Dá-me a verdade: dou-te a vida.	136
199	No sono antes do sono,	137
200	Aqui onde se espera	137
201	Que linda é quem não és!	138
202	De além das montanhas,	140
203	Tenho comigo	141
204	Teu nome, esqueci-o.	142
205	Redemoinha o vento,	142
206	Momento impercetível,	143
207	Vai alto pela folhagem	143
208	Quando as crianças brincam	144

209	Passos tardam na relva	144
210	O que me dói não é	145
211	Porque é que um sono agita	145
212	Contemplo o que não vejo.	146
213	Era um país de charcos,	147
214	Que fiz da vida? Que fiz da vida?	147
215	Entre o sono e o sonho,	148
216	Repousa sobre o trigo	149
217	Tudo que faço ou medito	149
218	A lavadeira no tanque	150
219	Ó rapaz que deitas gatos,	150
220	Se já não torna a eterna primavera	151
221	Talhei, artífice de um morto rito,	151
222	Tudo aquilo que fazemos	152
223	Se eu, ainda que ninguém,	153
224	Há um homem que ninguém conhece,	153
225	Ter pressa é não saber chegar.	154
226	Vem beber dois. Toda a vida	154
227	A miséria do meu ser,	155
228	Meu coração tardou. Meu coração	155
229	Uns passos na relva...	156
230	Vão na onda militar	157
231	Durmo. Se sonho, ao despertar não sei	157
232	Viajar! Perder países!	157
233	Começa o outono. Começou o outono.	158
234	O que tem as botas rotas	158
235	A criança que fui chora na estrada.	159
236	Qualquer coisa de obscuro permanece	160
237	Sonhei, confuso, e o sono foi disperso,	161
238	Se acaso, alheado até do que sonhei,	162
239	A lua por trás da torre	162
240	Se é mister a doença ou a desgraça	163
241	Durmo ou não? Passam juntas em minha alma	163
242	Em que parte de que caminho	164
243	Meu coração, isto é, minha cabeça	164

244	Traze, porque a verdade nada traz,	165
245	Vem uma linha escrita	166
246	Vêm campainhas vizinhas,	166
247	Que coisa distante	167
248	Na ribeira deste rio	168
249	No mal estar em que vivo,	168
250	Quando era criança	169
251	Chove. Há silêncio, porque a mesma chuva	169
252	Grandes mistérios habitam	170
253	Meu coração, que teve vida e alma,	171
254	Um só momento	171
255	Dorme, que a vida é nada!	171
256	Não sei que sonho me não descansa	172
257	Pobre criança, então julgavas	173
258	Serei amado se o quiser,	174
259	Como os fumos dos casais	175
260	Quantas verdades achei!	175
261	Eu, vindo de onde não vim,	176
262	Nada... Passaram nuvens e eu fiquei	177
263	Eu me resigno. Há no alto da montanha	178
264	Na praia deserta,	178
265	Meu coração foi o que o mar levou	179
266	O sangue que circula em minhas veias	179
267	Na rua tive um sorriso	180
268	A minha camisa rota	180
269	Falhei. Os astros seguem seu caminho,	181
270	Sob a nudez do céu cheio de lua,	181
271	Era um major reformado	182
272	Sono	183
273	Depois de andar a roda	183
274	Bom tempo esse em que a velha feia	184
275	Na rua escura só um candeeiro	184
276	Vivo das lágrimas que lembro.	185
277	O burro apanhou pancada	185
278	De bêbado, caiu-me o fósforo dos dedos...	186

279	Soa na noite de todos	186
280	Dizem que há entre a folhagem	187
281	O vento da noite	188
282	Ó vento, evocas montanhas,	188
283	Onde o sossego dorme	189
284	Sem dúvida que foi o único idílio	190
285	Veio a canção lá do fundo	191
286	Nas margens do rio verde	191
287	Que suavemente!,	192
288	Canta onde nada existe	193
289	Pois bem, matou-se. Morreu-lhe a filha,	194
290	Nós esquecemos a qualquer morto	194
291	Vão regulares os pequenos do asilo	194
292	Vendo bem, e à luz do pensamento,	195
293	Perde a mãe filhos, filhos a mãe.	195
294	Durmo, cheio de nada, e a manhã	196
295	Tenho esperança? Não tenho.	196
296	Era uma criança pobre a passar	197
297	Náusea. Vontade de nada.	197
298	O mestre sem discípulos	198
299	O Mestre sacrificado	198
300	A cruz do Templo aberta em inocência	200
301	O vento sopra lá fora.	200
302	Sopra o vento, sopra o vento,	201
303	Paz! Sob as árvores há paz.	201







Cai amplo o frio e eu durmo na tardança 1  
De adormecer —  
Sou, sem lar, nem conforto, nem esperança,  
Nem desejo de os ter.

E um choro por meu ser me inunda  
A imaginação.  
Saudade vaga, anónima, profunda,  
Náusea da indecisão.

Frio do inverno duro, não te tira  
Agasalho ou amor.  
Dentro em meus ossos teu tremor delira.  
Cessa, seja eu quem for!

19-1-1931

Na orla do vento movem 2  
Seus corpos mortos as folhas.  
E ora das árvores chovem,  
Ora onde inertes não movem  
A chuva do outono molha-as.

Não há no meu pensamento  
Vontade com que o pensar,  
Não tenho neste momento  
Nada no meu pensamento:  
Sou como as folhas ao ar.

Mas elas certo não sentem  
Esta mágoa inteira e funda  
Que meus sentidos consentem.  
Nada são e nada sentem  
Da minha mágoa profunda.

19-1-1931

3

Oiço o sussurro do vento  
Entre o arvoredo da noite.  
Não tenho em mim a que acoite  
O cansaço em que me estou.  
O excesso de pensamento  
Queimou-me. Sou cinza só.

Não me falem à emoção.  
Dorme no alpendre do fim.  
Não sei que sabe de mim.  
E quanto sente não sinto.  
Tenho em vez o coração.

[19-1-1931]

4

Gato que brincas na rua  
Como se fosse na cama,  
Invejo a sorte que é tua  
Porque nem sorte se chama.

Bom servo das leis fatais  
Que regem pedras e gentes,  
Que tens instintos gerais  
E sentes só o que sentes,

És feliz porque és assim,  
Todo o nada que és é teu.  
Eu vejo-me e estou sem mim,  
Conheço-me e não sou eu.

Janeiro, 1931  
(vinte e tantos)

Dize-me. Cantas à beira 5  
De um lugar onde não estiveste.  
E depois, de outra maneira,  
De um rio segues a esteira...  
De um rio que nunca viste...

Que morada os diversos  
Me dão com isto! Ultrapasso  
A verdade □  
Eu tenho que fazer versos  
E não que estar onde os faço.

26-1-1931

Em segredo, não vá 6  
Qualquer coisa erguer  
O vulto de onde está  
A esquecer...

Em segredo, não seja  
Verdade o mundo, e vão  
Tudo quanto deseja  
O coração...

Em segredo, em segredo  
Que o mais que há seja a alada  
Cousa que entre o arvoredado  
Não era nada.

29-1-1931

7  
No mar alto, no mar largo,  
Ou, enfim, num mar qualquer,  
Desperto desse letargo  
Que decidi ter que ter.

Fiz a grande extravagância  
De pensar em ser assim.  
Sou constante à inconstância  
Que quero fazer de mim.

As laranjas e os limões  
São parecidos à pele.  
Acabem as confusões  
E cada qual seja ele.

30-1-1931

8  
Algures no tempo ido,  
Num spaço já esquecido,  
Tive, guardada não sei  
Onde, nem se inda a terei,  
Uma pequena porção  
De ser feliz sem razão.

É uma espécie de fermento  
Que se usa no pensamento  
Para fazer bolo doce.  
Com uma pequena dose  
Consegue-se o que se quer.  
O pior de tudo é viver.

Uma mão-cheia é bastante  
Para aproveitar o instante  
E dourá-lo de elegia.  
Usa-se com água fria.  
Outras é com água quente  
(Lágrimas). É indiferente.

30-1-1931

Se o rouxinol falasse, não cantava.  
Ah, um bocado de inconsciência!  
Meu coração onde é que estava  
Quando eu falava com a ciência?

9

Não... É escusado o amor...  
Um sentimento...  
Qualquer cousa que seja a flor  
De não haver (nenhum) intento...

Qualquer cousa de intervalar;  
Por imprecisa, suave...  
Qualquer cousa como aquele ar  
Onde a alma é ave...

Depois, até o regresso à vida  
Tem suavidade — aquela  
Que, porque foi sentida,  
É ainda a saudade dela.

Não pensar bem... Ir começando...  
Depois, interromper sorrindo...  
Ave que, ainda voando,  
Vem caindo...

Memória do futuro inútil,  
Preciosa a leque e a riso seu...  
E o pano apaga o drama inútil  
Que já esqueceu...

5-2-1931

10

Não: não digas nada!  
Supor o que dirá  
A tua boca velada  
É ouvi-lo já.

É ouvi-lo melhor  
Do que o dirias.  
O que és não vem à flor  
Das frases e dos dias.

És melhor do que tu.  
Não digas nada: sê!  
Graça do corpo nu  
Que invisível se vê.

5/6-2-1931

Andavam de noite aos segredos 11  
Só porque era noite...  
Os bosques enchiam de medos  
Quem quer que se afoite...  
Dizem palavras que param  
À sombra de alguém...  
Ninguém os conhece, e passam...  
Não eram ninguém...  
Fica só na aragem e na ânsia  
Saudade a fingir...  
Foi como se fora a distância...  
Eu torno a dormir.

11-2-1931

Parece às vezes que desperto 12  
E me pergunto o que vivi;  
Fui claro, fui real, é certo,  
Mas como é que cheguei aqui?

A bebedeira às vezes dá  
Uma assombrosa lucidez  
Em que como outro a gente está.  
Estava ébrio sem beber talvez.

E de aí, se pensar, o mundo  
Não será feito só de gente  
No fundo cheia de este fundo  
De existir clara e ebiamente?

Entender, como um carrossel,  
Girar em meu torno sem me achar...  
(Vou escrever isto num papel  
Para ninguém o meditar...).

11-2-1931

13

Diz o jornal que ontem morreste.  
Sobre os joelhos o deponho  
E numa náusea de eu estar triste  
Entristeço, relembro, sonho.

As longas noites rememoro  
De vãs conversas e ocioso estudo,  
E, com minha alma opressa, choro  
O nada temporal de tudo.

Custa a crer que não hajas. Vai  
Pôr-se entre nós o grande muro  
Que com a porta onde se sai  
Existe a fazer tudo escuro.

E estes versos são o disfarce  
Do egoísmo que me humano faz.  
Rimo a dor de que tudo passe,  
Sorrio. Já te esqueci, rapaz.

Mas ah, conheço claro em mim!  
Não é a ti que choro, nem  
A sorte abstrata que fez fim:  
É que eu hei de morrer também.

É medo o que me faz sentir,  
É a saudade de quem sou  
Que como um farol vem luzir  
Na morte para onde vou.

12-2-1931

Nos tanques verdes por cima 14  
Quando uma brisa se espanta,  
O mole erro não se anima.  
Stagna, e só entre ilha e ilha  
Um refego se alevanta,  
E um bocado de água brilha.

E eu, que não penso a olhar,  
Sinto desprender-se em mim  
O que no tanque a estagnar  
Não conseguiu ser tremido.  
Depois chega o breve fim  
Da brisa e do meu doído.

E os olhos que ergo da água  
Guardam um vago torpor  
Ou de sentir sem ter mágoa,  
Ou de ver sem conseguir,  
E o sol doira a água em bolor  
Sem que eu tenha que o sentir.

14-2-1931

Nos seixos ou pedregulhos 15  
Que saem neste ribeiro  
Bate a água e faz barulhos  
Fora do barulho inteiro.

Esquecido até de que a vejo  
Contemplo-a e nem penso em mim.  
Não sonho, não me prevejo,  
E é assim porque é assim.

Brandos sons de enrolamento  
Que faz a água estorvada,  
Tomara eu que o pensamento  
Fosse uma flor enfolhada.

Folha a folha, a desfazendo  
A deixaria cair  
Nas águas que seguem sendo  
Com um som de prosseguir.

Que, ainda que esse conceito  
Seja só suposição,  
Que sinto eu com mais jeito?  
Ó águas sem coração?

16-2-1931

16

O ruído vário da rua  
Passa alto por mim que sigo.  
Vejo: cada cousa é sua.  
Ouço: cada som é consigo.

Sou como a praia a que invade  
Um mar que torna a descer.  
Ah, nisto tudo a verdade  
É só eu ter que morrer.

Depois de eu cessar, o ruído...  
Não, não ajusto nada  
Ao meu conceito perdido  
Como uma flor na estrada.

21-2-1931

Cheguei à janela, 17  
Porque ouvi cantar.  
É um cego e a guitarra  
Que estão a chorar.

Ambos fazem pena,  
São uma coisa só  
Que anda pelo mundo  
A fazer ter dó.

Eu também sou um cego  
Cantando na estrada,  
A estrada é maior.  
E não peço nada.

26-2-1931

Não tendo nada que fazer, 18  
Faço os meus versos pra o dizer,  
Sem ter teoria do mundo,  
Canto a fundo  
Tudo e nada,  
Em versos de vagabundo —  
Mas vagabundo sem estrada...

Não tendo jeito para ter,  
Faço versos em vez de qu'rer.  
Sem teoria de mim  
Canto sem fim  
Meu coração  
Em poesias de Arlequim...  
(Ou é de Pierrot que são?)

28-2-1931

19

Na rua desabitada  
De gente que valha ser,  
Passa, um pouco sonogada,  
Aquela mulher cansada  
De qualquer cousa que quer.

Tem uma aristocracia  
De elegância e solidão.  
Se a conhecesse, diria  
Qualquer cousa que seria  
Isto, e mais uma razão.

Mas assim, sem conhecê-la,  
Ela é só essa mulher.  
Passa para eu descrevê-la  
E, enfim, vale mais do que ela  
O meu modo de escrever.

28-2-1931

20

No fim do mundo, onde a paisagem  
Forçosamente deve ser  
Aquilo que merece a viagem  
Com que nunca lá vamos ter,

Está um poço (assim o diz  
Num título um scritor inglês)  
Onde não sei se se é feliz  
Ou se se morre enfim de vez.

Pois bem. Por artes de magia  
Trouxe esse poço para casa.  
Uso-o em meus sonhos, noite e dia,  
Desço por ele à água rasa.

E ali, num balouço elevado,  
Longe do mundo e até de mim,  
CUSPO na água com agrado  
E vejo os círculos ter fim.

Todos nós temos que servir  
E os homens que andam ao trabalho  
Na superfície da ilusão  
Não jogam com melhor baralho.

Constituí-me proletário  
Daquele poço onde cuspir  
Do meu baloço solitário,  
Que acabará por lá cair.

28-2-1931

De onde é quási o horizonte  
Sobe uma névoa ligeira  
E afaga o pequeno monte  
Que para na dianteira.

21

E com braços de farrapo  
Quási invisíveis e frios,  
Faz cair seu ser de trapo  
Sobre os contornos macios.

Um pouco de alto medito  
A névoa só com a ver.  
A vida? Não acredito.  
A crença? Não sei viver.

4-3-1931

22

Há dias de tanta angústia  
Que não sei do que ela é.  
Não sei se me sobra o sonho.  
Não sei se me falta a fé.

É uma angústia que nasce,  
Como de um solo, de mim,  
Que parece ser eu todo  
Com razão de ser assim.

E esmaga-me toda a alma,  
Confunde todo o meu ser  
E tudo gira em meu torno  
Sem eu o compreender.

Mágoa como um portão velho,  
Ferrugem da quinta enfim,  
Que nem abre nem fecha  
E é assim porque é assim.

5-3-1931

23

Não, falar não, cantar só.  
Essa balada muito antiga  
Que, ou por cantada,  
Ou por relembrada,  
Mete dó.  
Só essa, que é minha amiga!

Sem palavras, ainda que as tenha,  
Mas essas não são  
Palavras: são uma estranha  
Confusão,  
Como uma flor que se apanha  
Do chão.

Canto em que o cantor esquece,  
Porque o que sabe bem  
É esquecer o que se conhece,  
É ser,  
Dentro da alma que entreter,  
A teia sem  
Aranha que a tece,  
Sonhar sem viver.

5-3-1931

Não tive tão bom passado,  
Ainda que sossegado,  
Que lembrá-lo dê agrado  
Ao que em mim quer me agradar.  
Vivi cativo e coitado  
De quanto Deus me quis dar.

24

Por isso no meu futuro  
Que não distingo no escuro  
Posso sonhar-me seguro  
De aquilo que quero ter,  
Pode ser fruto maduro  
O fruto só por haver.

Assim vivo da esperança  
Numa perpétua mudança  
Cuja ânsia nunca me cansa  
E não me faz distinguir

□

5-3-1931

25 Há um murmúrio na floresta.  
Há um murmúrio e não há já.  
Há um murmúrio e nada resta  
Do murmúrio que ainda está  
No ar a parecer que há.

É que a saudade faz viver,  
E faz ouvir, e ainda ver,  
Tudo o que foi e acabará  
Antes que lembre de o esquecer  
Como a floresta esquece já.

8-3-1931

26 O vento tem variedade  
Nas formas de parecer.  
Se vens dizer-me a verdade,  
Porque é que ma vens dizer?  
Verdades, quem é que as quer?

Se a vida é o que é,  
Então está bem o que está.  
Para que ir pé ante pé  
Até ontem e até já  
E até onde nada há?

Enrola o cordão à roda  
Do teu dedo sem razão.  
Tudo é uma espécie de moda  
E acaba na ocasião.  
Quem te deu esse cordão?

8-3-1931

Já ouvi doze vezes dar a hora... 27  
No relógio que diz que é meio-dia  
A toda a gente que aqui perto mora.  
(O comentário é do Camões agora:)  
«Triste o que espera! Triste o que confia!»  
Como o nosso Camões, qualquer podia  
Ter dito aquilo, até outrora.

E ainda é uma grande coisa a ironia.

8-3-1931

Paisagens, quero-as comigo. 28  
Paisagens, quadros que são...  
Ondular louro do trigo,  
Fios de rios que sigo,  
Céu mau, juncos, solidão...

Paisagens, todas pintadas  
Uma pela mão de Deus,  
Outras pelas mãos das fadas,  
Outras por acasos meus,  
Outras por lembranças dadas...

Paisagens... Recordações  
Porque até o que se vê  
Com primeiras impressões  
Algures foi o que é,  
No ciclo das sensações.

Paisagens... Enfim, o teor  
Da que está aqui é a rua  
Onde ao sol bom do torpor  
Que na alma se me insinua  
Não vejo nada melhor.

8-3-1931

30

Quando é que o cativoiro  
Acabará em mim,  
E, próprio dianteiro,  
Avançarei enfim?

Quando é que me desato  
Dos laços que me dei?  
Quando serei um facto?  
Quando é que me serei?

Quando, ao virar da esquina  
De qualquer dia meu,  
Me acharei alma digna  
Da alma que Deus me deu?

Quando é que será quando?  
Não sei. E até então  
Viverei perguntando:  
Perguntarei em vão.

Que a vida é coisa ao lado  
Para quem pensa em ser.  
Quando será meu fado  
O fado que hei de ter?

13-3-1931

Sonhei. Desperto. Um tédio doloroso  
De ter sonhado, ou então de despertar,  
Me ocupa o espírito indeciso e ocioso.  
Sou como o movimento do alto mar,  
Que parece existir sem avançar.

31

Não me lembro qual foi o sonho ido,  
Nem se portanto a sua ausência dói.  
Grandes e vagas coisas hei dormido.  
Sou como o alto mar quando o sol foi:  
Uma novela imensa sem herói.

Nem até sei se o sonho deixa mágoas.  
Que sei eu do que sou ou quero ter?  
Sou como o alto mar da noite: as águas  
No mesmo movimento a ter que ser,  
Um som, um brilho escuro, arrefecer...

13-3-1931

Suavíssimo, como se fora  
Só o supô-lo, o orvalho vem,  
Parece como quando chora  
A alma, mas os olhos tem  
Certa secura enganadora.

32

Suavíssimo, como se andasse  
Do próprio ser a se afastar,  
O orvalho, ainda que não passe,  
Dir-se-ia estar já a passar,  
Ou que o seu ser é um disfarce.

Suavíssimo, como se a vida  
Pudesse querê-lo pra o reter,  
É uma impalpável estada ida,  
Inexistente arrefecer,  
Como a minha alma e o meu ser...

14-3-1931

33

Não sei porque é que sou assim.  
Também, saber é não olhar.  
Sentir foi sempre para mim  
Uma maneira de pensar.

Por isso agora essa cantiga,  
Que me lembrou, me entristeceu.  
Não sei se foi por ser antiga,  
Se por ser ela, ou eu ser eu.

Às vezes há um rodopio  
De folhas secas num lugar.  
Não consigo ser eu a fio,  
Mas continuo sempre a olhar.

16-3-1931

34

Sim, a música, e já a mulher  
Não gosta tanto do marido.  
Que sonhos vêm pertencer  
A um passado nunca banido!

Sim, a música... Era melhor  
Que a vida fosse sem trabalho...

Tudo o que temos é engano.  
A música! Que Diabo! Faz  
Surgir um coração humano  
Do corpo aonde a alma jaz.

Como se há de ir fazer chá eterno  
E ter dever ao pé de si,  
Quando este encanto vem do Inferno?  
Serpente, ainda estás aqui!

[16-3-1931]

### **Abertura do Itinerário**

35

Estes livros de versos juntos são  
Uns Grandes Armazéns da Sensação  
Onde o leitor casual encontrará  
O que convenha a qualquer impressão,  
Ou, talvez, o que nunca convirá.

E, assim, terá, com muito de profundo,  
E alguma coisa de incompreensível,  
Um razoável espetáculo do mundo,  
Em várias formas de ilusão e nível,  
E sentirá, se não for insensível.

Mas, verdadeiramente, quem lê versos  
Lê só a própria alma, e eu não tenho  
A certeza de que entre os meus diversos  
Modos, algum consiga não ser estranho  
Ao casual leitor que perco ou ganho.

Ninguém vê senão a alma em que ermo habita.  
Ninguém conhece senão quem nasceu.  
Nos Armazéns que ofereço requisita  
Quem quiser o que quer, e não medita  
Que, apesar de ser tudo, eu sou só eu.

Sim, isolados, e não só no espaço,  
Entre alma e alma não há nenhum laço,  
E o que dizemos nunca é compreendido.  
Reste ao menos de mim um som de passo  
De viandante nem visto nem ouvido.

17-3-1931

36

No fundo do pensamento  
Tenho por sono um cantar,  
Um cantar velado e lento,  
Sem palavras a falar.

Se eu o pudesse tornar  
Em palavras de dizer  
Todos haviam de achar  
O que ele está a esconder.

Todos haviam de ter  
No fundo do pensamento  
A novidade de haver  
Um cantar velado e lento.

E cada um, desatento  
Da vida que tem que achar,  
Teria o contentamento  
De ouvir esse meu cantar.

17-3-1931

Há nas danças populares 37  
Um vestígio de razão;  
Quando andam à roda os pares,  
Anda à roda a sensação.

Contemplo, e sou todos eles.  
Danço com o entendimento.  
Tenho-lhes almas e peles,  
E, amoroso e desatento,

Fixo em versos o que giram  
No corpo e alma que são.  
Que importa que me não viram?  
Vê alguém o coração?

17-3-1931

«Toda esta noite choveu 38  
Nos gargalinhos do poço.  
Senhora Dona Maria,  
Boquinha de cravo roxo.»

Esta quadra é popular.  
Pergunto, quem é que a fez?  
Deve ter sido tão jovem  
Sentida a primeira vez!

Quem me dera poder ter  
Sem cultura nem verdade  
Aquela quadra por vida  
E a vida por claridade!

17-3-1931

39

Tenho dores de cabeça.  
Vou fazer versos, já sei.  
Qualquer dia estoiro à pressa  
Do que não conseguirei.

Triste mister o da rima!  
Só se consegue pensar  
Desde que o verso de cima  
Tenha outro em baixo a fechar.

E é com estas coisas todas  
Que o mundo é inteligente.  
As próprias almas são modas.  
A vida é rimas de gente.

17-3-1931

40

Gostava que me explicassem  
Porque é que ninguém é gente  
Embora outras gentes passem.

Gostava que me dissessem  
Como que é que o coração sente  
De modo que o percebessem.

Gostava que me mentissem.  
Queria ser inteligente  
Sem que os outros o sentissem.

Tristezas, não mas adocem.  
Não as rimava contente  
Se elas tristeza não fossem.

Santo Deus! E a rima em *ussem*?

17-3-1931

Como chove! Um desalento  
Faz sombra em meu coração.  
Chove sem frio nem vento.  
É um chover sem estação.  
Faz pontos grados no chão.

41

E através disso o sol doura  
Os pingos luzindo a vir.  
Há dois tempos nesta hora.  
É como estar a sorrir  
Da dor que nos vai surgir.

Sim, e chega a chuva negra.  
Não há sol e é preto o chão.  
Nada em mim finge que alegre  
Meu fingido coração.  
Chove com grande razão.

20-3-1931

Nas nuvens brancas que lentam  
Quando a chuva está à espera  
A luz do sol faz uma orla  
Que amarela e reverbera.

42

Parece aquele ouro que orla  
Os panos para o caixão.  
Salvo que as nuvens são brancas  
E pretos os panos são.

Mas a verdade é a mesma  
Por um segredo da vida  
Por isso o ouro orla as brancas  
E os negros da despedida.

Nuvens brancas, panos negros,  
Por mais que o queiram cobrir,  
O mistério transparece  
E orla-os de luz a sorrir.

20-3-1931

43

Na viagem até nada  
São todos bons viajantes.  
Não há caminho nem strada  
Mas chegam todos constantes.

Na viagem até nada  
Todos vão a conversar;  
Não há caminho nem strada  
E entretêm-se a falar.

Na viagem até nada  
Alguns calados vão só.  
Mas à hora da chegada  
Nunca sacodem o pó.

21-3-1931

44

Num dia silencioso  
E num quarto interior  
Como soa doloroso  
Um pregão de vendedor!

Devendo ter a alegria  
Da rua e do céu que tem,  
A voz soa longe, fria  
Da própria vida a que vem.

Talvez o mal seja meu,  
Que a voz, onde soa e está,  
Não sabe que eu sinto e que eu  
Sinto sempre o que não há.

Sim, é a vida que, sem ver-me  
Ao coração se me exprime.  
É a vida, mas a dizer-me  
Que dela não me aproxime.

24-3-1931

Morreste. Veio a notícia  
Ter com o meu ignorá-la.  
Velho amigo! Sem perícia  
Chorei sua sorte impropícia —  
O único mal é chorá-la.

45

Não sabe descrer o forte?  
O sábio confia e faz.  
Morreste? Falhou-te a sorte.  
Não acredito na morte.  
Até à vista, rapaz!

25-3-1931 a. m.

No meio da noite  
Enquanto a dormir  
Jaz tudo em meu torno  
Sem eu o ouvir,

46

No meio da noite  
Medito o que sou...  
Às vezes o vento  
Quando começou

De repente cessa  
E é inútil ouvir  
Pois tudo acabou  
Sem se conseguir.

[25-3-1931]

47

Abro a janela. É madrugada.  
Há luz sem sol, o sono traz  
Cada janela ainda fechada  
E salvo os galos está tudo em paz.

Que vigoroso silêncio é este  
Quando sem noite noturno é tudo.

[25-3-1931]

48

O mau aroma alacre  
Da maresia  
Sobe no esplendor acre  
Do dia.

Falsa, a ribeira é lodo  
Ainda a aguardar.  
Olho, e o que sou está todo  
A não olhar.

E um mal de mim a deixa  
Também lodo em mim —  
Ribeira que se queixa  
De o rio ser assim.

27-3-1931

Vão breves passando  
Os dias que tenho.  
Depois de passarem  
Já não os apanho.

49

De aqui a tão pouco  
A vida acabou.  
Vou ser um cadáver  
Por quem se rezou.

E entre hoje e esse dia  
Farei o que fiz:  
Ser qual quem eu sou  
Feliz ou infeliz.

28-3-1931

Vaga, no azul amplo solta,  
Vai uma nuvem errando.  
O meu passado não volta.  
Não é o que estou chorando.

50

O que choro é diferente.  
Entra mais na alma da alma.  
Mas como, no céu sem gente,  
A nuvem flutua calma,

E isto lembra uma tristeza  
E a lembrança é que entristece,  
Dou à saudade a riqueza  
De emoção que a hora tece.

Mas, em verdade, o que chora  
Na minha amarga ansiedade  
Mais alto que a nuvem mora,  
Está para além da saudade.

Não sei o que é nem consinto  
À alma que o saiba bem.  
Visto da dor com que minto  
Dor que a minha alma tem.

29-3-1931

51

Fito-me frente a frente  
E conheço quem sou.  
Estou louco, é evidente,  
Mas que louco é que estou?

É por ser mais poeta  
Que gente que sou louco?  
Ou é por ter completa  
A noção de ser pouco?

Não sei, mas sinto morto  
O ser vivo que tenho.  
Nasci como um aborto  
Salvo a hora e o tamanho.

30-3-1931

Em plena vida e violência 52  
De desejo e ambição,  
De repente uma sonolência  
Cai sobre a minha consciência,  
Desce ao meu próprio coração.

Será que a mente, já, desperta  
Da noção falsa de viver,  
Vê que, pela janela aberta,  
Há uma paisagem toda incerta  
E um sonho todo a apeterer.

30-3-1931

Não tenho quinta nenhuma. 53  
Se a quero ter pra sonhar,  
Tenho que a extrair da bruma  
Do meu mole meditar.

E então, desfazendo a névoa  
Que há sempre dentro de nós,  
Progressivamente elevo-a  
Até uma quinta a sós.

Vejo os tanques, vejo as calhas  
Por onde a água vai pequena,  
Vejo os caminhos com falhas,  
Vejo a eira erma e serena.

E, contente deste nada  
Que em mim mesmo faço externo,  
Gozo a frescura relvada  
Da não-quinta em que me interno.

Vilegiatura impossível,  
Dou-lhe nós para lembrar,  
E esqueço-a ao primeiro nível  
Do meu mole meditar.

30-3-1931

54

Quem me dera, entre arvoredos,  
Verdadeiros e copados,  
Passear meus ócios quedos  
E das algibeiras todas  
Despejar os meus cuidados.

Quem me dera, entre ramagens  
De árvores altas e certas,  
Minhas prolixas imagens  
Aparar, como a um lápis,  
Para escrever descobertas.

Quem me dera, na clareira  
Que chega no fim de andar,  
Ver que não tive maneira  
□

30-3-1931

55

A noiva do rei sem reino  
Não tinha feito o enxoval.  
Quis ser □ e dei no  
Poeta que acaba mal.

1-4-1931

Vou passando pelo bosque, 56  
Pelo bosque vou passando,  
E ouço alguém que não existe  
Cantar o que estou pensando.

Deve ser aquela ninfa  
Que é alma do bosque todo  
Que sem que tire o silêncio  
Está cantando deste modo.

Se escuto, não ouço o que ouço:  
Só vagamente a folhagem  
Faz um ruído de folhas  
Com o ruído da aragem.

E é esse ruído que é o canto,  
Se, distraído, vou encostando  
Minha alma à alma do bosque,  
Vou pelo bosque passando.

1-4-1931

Não sei ser triste a valer 57  
Nem ser alegre deveras.  
Acreditem: não sei ser.  
Serão as almas sinceras  
Assim também, sem saber?

Ah, ante a ficção da alma  
E a mentira da emoção  
Com que prazer me dá calma  
Ver uma flor sem razão  
Ser minha sem coração!

Mas enfim não há diferença.  
Se a flor flore sem querer,  
Sem querer a gente pensa.  
O que nela é florescer  
Em nós é ter consciência.

Depois, a nós como a ela,  
Quando o Fado os faz passar,  
Surgem as patas dos deuses  
E a ambos nos vêm calcar.

Stá bem, enquanto não vêm,  
Vamos florir ou pensar.

3-4-1931

58

Tenho sono em pleno dia.  
Não sei de quê, tenho pena.  
Sou como uma maresia.  
Dormi mal e a alma é pequena.

Nos tanques da quinta de outrem  
É que gorgoleja bem.  
Quanto as saudades encontrem,  
Tanto minha alma não tem.

E a romaria que é feita  
Da infância que me perdi,

□

5-4-1931

Sou um evadido.

59

Logo que nasci  
Fecharam-me em mim,  
Ah, mas eu fugi.

Se a gente se cansa  
Do mesmo lugar,  
Do mesmo ser  
Porque não se cansar?

Minha alma procura-me  
Mas eu ando a monte.  
Oxalá que ela  
Nunca me encontre.

Ser um é cadeia.  
Ser eu é não ser.  
Viverei fugido  
Mas vivo a valer.

5-4-1931

As nuvens são sombrias  
Mas, nos lados do sul,  
Um bocado do céu  
É tristemente azul.

60

Assim, no pensamento,  
Sem haver solução,  
Há um bocado que lembra  
Que existe o coração.

E esse bocado é que é  
A verdade que está  
A ser beleza eterna  
Para além do que há.

5-4-1931

61

Para além do arvoredo  
Vejo o campo se estender  
Num ondular sem segredo —  
Ondular tão vago que  
Tudo ali se pode ver.

Tão clara e perto parece  
— Salvo que sem forma é cor —  
Como a que perto aparece,  
A flor que está longe e se  
Vê que é flor mas não que flor.

E eu fico precisamente  
Com esse contentamento  
Que provém de estar contente —  
Não de ser feliz ou de  
Gostar do campo ou do vento.

Resumo: não tendo nada  
Que fazer senão não ter  
Nada que fazer, da estrada  
Vou vendo tudo isto que  
Vou vendo até o não ver.

5-4-1931

Guardo ainda, como um pasmo 62  
Em que a infância sobrevive,  
Metade do entusiasmo  
Que tenho porque já tive.

Quási às vezes me envergonho  
De crer tanto em que não creio.  
É uma espécie de sonho  
Com a realidade ao meio.

Girassol do falso agrado,  
Em torno do centro mudo  
Fala, amarelo, pasmado  
Do negro centro que é tudo.

18-4-1931

O inverno passa, tardando 63  
Em passar.  
O ar, asperamente brando,  
Faz sperar.

Se tudo quanto eu desejo  
Fosse meu,  
Nunca teria um ensejo  
De ser eu.

O inverno passa, mas dura

25-4-1931

64

Se penso mais que um momento  
Na vida que eis a passar,  
Sou para o meu pensamento  
Um cadáver a esperar.

Dentro em breve (poucos anos  
É quanto vive quem vive),  
Eu, anseios e enganos,  
Eu, quanto tive ou não tive,

Deixarei de ser visível  
Na terra onde dá o sol,  
E, ou desfeito e insensível,  
Ou ébrio de outro arrebol,

Terei perdido, suponho,  
O contacto quente e humano  
Com a terra, com o sonho,  
Com mês e mês e ano a ano.

Por mais que o sol doire a face  
Dos dias, o espaço mudo  
Lembra-nos que isso é disfarce  
E que é a noite que é tudo.

1-5-1931

65

Das flores o não-me-esqueças  
É talvez a mais pequena.  
Se vens dizer-me a verdade,  
Vê lá bem se vale a pena.

Uma coisa é a verdade  
E outra coisa ser feliz.

Se vens dizer-me a verdade,  
Vê lá bem o que ela diz.

Tudo é o que a gente quiere  
E o que está dito é só dito.  
Se vens dizer-me a verdade,  
Cuidado, que eu acredito!

2-5-1931

Deus te livre de estar onde estás,  
de ser o que és e de ter o que terás.

66

Deus te livre de tudo menos  
De não ter deveres, e dos seus venenos.

Deus te livre de que te tomem  
Por mulher, e também por homem.

[post 30-5-1931]

### Poemas de Lisboa

67

Os sons da filarmónica vindos de longe  
O que é que são,  
Além de sons da filarmónica vindos de longe,  
Ao coração?

São saudades, não só minhas, porque eu  
Sou toda a gente —  
Saudades de toda a sua gente que morreu  
E está ausente...

Nesta hora sinto-os, são convivas do som  
Que vem sem razão...  
Trazem a tristeza de um passado já bom  
Ao coração...

Gente, quartos, jardins, janelas, tudo...  
Tudo isso vem  
Em saudade estupidamente musical do fundo  
Da alma e Belém.

31-5-1931

68

Desfaze a mala feita pra a partida!  
Chegaste a ousar a mala?  
Que importa? Desesperas ante a ida  
Pois tudo a ti te iguala.

Sempre serás o sonho de ti mesmo.  
Vives tentando ser,  
Papel rasgado de um intuito, a esmo  
Atirado ao descrer.

Como as correias cingem, quási estala,  
Tudo o que vais levar.  
Mas é só a mala e não a ida — a mala  
Que há de sempre ficar!

[2-7-1931]

69

Se estou só, quero não star,  
Se não stou, quero star só.  
Enfim, quero sempre estar  
Da maneira que não estou.

Ser feliz é ser aquele.  
E aquele não é feliz  
Porque pensa dentro dele  
E não do que eu dele fiz.

A gente faz o que quer  
Daquilo que não é nada,  
Mas também se o não fizer  
Fica perdido na estrada.

2-7-1931

Bem, hoje que estou só e posso ver  
Com o poder de ver do coração  
Quanto não sou, quanto não posso ser,  
Quanto, se o for, serei em vão,

70

Hoje, meu confessor, quero sentir-me  
Definitivamente ser ninguém,  
E de mim mesmo, altivo, demitir-me  
Por não ter procedido bem.

Falhei a tudo, mas sem galhardias,  
Nada fui, nada ousei e nada fiz,  
Nem colhi nas ortigas dos meus dias,  
A flor de parecer feliz.

Mas fica sempre, porque o pobre é rico  
Em própria casa, se procurar bem,  
A grande indiferença com que fico  
E um sonho... Escrevo-o para o lembrar bem.

2-7-1931

71                    Agita as árvores um vento  
                      Sob o azul plácido do céu,  
                      O que agita o meu pensamento  
                      É que hoje nunca serei meu.

[8-7-1931]

72                    Chora como gente o vento,  
                      Chora sozinho no ar.  
                      Quero ter meu pensamento  
                      Mas não o posso pensar.

8-7-1931

73                    Minha vida tem sido, em suma,  
                              Reles e obscura,  
                      Sem ventura nem desventura,  
                              Sombras de trapos na bruma.

                      Como um caixeiro tenho ficado  
                              A um balcão nulo,  
                      Não acontece estar amante Catulo  
                              Nem a poeta, conselheiro de Estado.

                      Até quando me amaram  
                              Parece que me ofendiam.  
                      Do casaco de gente com que me albardaram  
                              Até os botões caíam.

                      Hoje estou calmo, um pouco certo,  
                              Um tanto ou quanto já eu  
                      E olho, passado, o portão aberto,  
                              Mas digo sempre: «não é meu».

24-7-1931

E acho que todo poeta 74  
Deve ter cara para isso.  
Paro diante do espelho,  
Sorrio a mim esse conselho:  
Olha pra ti e não escrevas.

[24-7-1931]

No céu da noite que começa 75  
Nuvens de um vago negro brando  
Numa romagem pouco espessa  
Vão no ocidente tresmalhando.

Aos sonhos que não sei me entrego  
Sem nada procurar sentir  
E estou em mim como em sossego  
Pra sono falta-me dormir.

Deixei atrás nas ervas ralas  
Caídas uma e outra ilusão,  
Não volto atrás a procurá-las.  
Já estão formigas onde estão.

27-7-1931

Desejo partir, 76  
Desejo não ser  
Mais eu a seguir  
Ao que estive a ter.

Desejo a distância,  
Desejo afagar  
A inútil fragrância  
De já aqui não estar.

Amigos, afetos,  
Se os tive os não tive,  
E não são objetos  
Do que em mim me vive.

Por isso, partir,  
Deixar aqui morto  
Quem fui sem sentir.

1-8-1931

77

Alma nobre, espiritual e subtil,  
Tens condão, tens magia,  
De ganhar de toda a gente simpatia.  
Presto-te a minha homenagem,  
Minha sincera admiração.  
Se não desprezas ter-me por teu irmão,  
Alegra-me ter-te e estimar-te como minha irmã.

2-8-1931

79

Gosto de imaginar cousas.  
Todo caminho andado a imaginar  
É cheio de invisíveis rosas.  
Tem luz e fresco sem ter ar.

Se tudo é um sonho,  
Façamos sonhos voluntariamente,  
Que esses serão risonhos  
E, enquanto são, a vida não se sente,

Deveres e razões

Tenham os outros, já que vivem só.

Tudo isso e a vida disso é ilusões.

E o mesmo sol os doura, pobres pó.

6-8-1931

Bom vento do mar, bom vento

Que vens de cima do mar,

Vem dizer-me ao pensamento

Que o melhor é não pensar.

80

Se acreditar no que existe

Faz triste quem o não é,

Mais vale ninguém ser triste

E não ter crenças nem fé.

Mas tu, bom vento que vens

De cima de ondas sem fim,

Nem fé nem descrenças tens.

Tomara eu ser assim!

[6-8-1931]

Quanto estou só reconheço

Se por momentos me esqueço

Que existo entre outros que são

Como eu sós, salvo que estão

Alheados desde o começo.

81

E se sinto quanto estou  
Verdadeiramente só,  
Sinto-me livre mas triste,  
Vou livre para onde vou,  
Mas onde vou nada existe.

Creio contudo que a vida  
Devidamente entendida,  
É toda assim, toda assim.  
Por isso passo por mim  
Como por cousa esquecida.

9-8-1931

82

Chamou uma voz do monte.  
    Não sei se chamou por mim,  
O pastor passa defronte:  
    Não a ouviu chamar assim.

Porque é que só eu a ouço  
    E sinto na alma que fala  
A qualquer cousa que posso  
    E meu poder não iguala?

De além de espaços etéreos  
    Se me estende ao coração,  
Vinda através dos mistérios,  
    A voz de Esse cuja mão

Ergueu o Mestre sepulto  
    E o converteu no seu ser.  
Mas esse prodígio oculto  
    Ainda em mim é só morrer.

Por isso a voz que do Monte  
Chama por mim, por mim só,

□

11-8-1931

### Ali Sim

83

Quando, por fim, o houvéramos achado,  
Desnudando-o do pó da sepultura  
A que sinistras mãos o haviam dado,  
Seco o sangue em três pontos da alva fronte,  
E, a sepultura achada recoberta,  
Plantado, para a achar, o ramo insonte  
Naquela solidão fria e deserta,

E quando, ao grande Rei nós, revertendo,  
Tudo contáramos com dor e pranto,  
Ele nos ordenou que, ali volvendo  
Onde jazia, com Palavra a dar,  
O erguêssemos do pó, vendo o que havia  
Na maneira de erguê-lo de ali estar,  
E o que é que cada um, vendo-o, dizia.

Nós, cumprindo a ordem magna, registrámos  
No fundo da alma atenta os cinco gestos,  
E a dupla exclamação em nós gravámos...  
Mas ficou sempre, no ermo coração,  
Sepulto o Mestre, sim, morto e sepulto,  
E na mudez da inútil invocação.

Mas uns de nós, sem nome nem idade,  
Dispersos pela mão do atroz Destino  
Que fazia perder nossa verdade

□

Até que, terras e eras percorridas  
Em ermitagem casual num monte  
A um lado e outro vimos  
Palavras substituídas  
E a meio erguido, na nostalgia viva,  
A Palavra perdida.

[11-8-1931]

84

Não: era só um canto,  
Não sei de quem, que vinha  
De além do muro, enquanto  
Minha alma era sozinha.

Cantou cousas tão belas,  
Tão cheias de luar,  
Que só o pensar nelas  
Faz deixar de pensar.

Como eu gostei de assim  
Star só, acompanhado  
De um canto para mim  
Em que eu era ignorado!

20-8-1931

85

Ela era só o canto  
Que chegava de além  
Do muro alto, enquanto  
Eu a ouvia, ninguém.

E, porque nunca fora  
Ninguém salvo o que ouvi,  
Meu coração a adora  
E amo-a porque a não vi.

Quanto ainda em nós havia  
Da infância que sonhava  
Cantando ele dizia,  
Dizendo ela cantava.

Depois, como se o rio  
Na curva se perdesse,  
Era o tédio que, esguio,  
A tarântula tece.

20-8-1931

A aldrava soa na noite  
Destacadamente,  
O formidável açoite  
De haver algures gente.

86

Acompanhado, ainda  
Que ninguém esteja aqui!

20-8-1931

Quando será dia  
Em meu coração,  
Deixando de ser fria  
Minha vaga emoção?  
Quando, ou não?

87

[3-9-1931]

88

Vê-la faz pena de speranza.  
Loura, olha azul com expansão.  
Tem um sorriso de criança:  
Sorri até ao coração.

Não saberia ter desdém.  
Criança adulta, □  
Parece quási mal que alguém  
Venha a violá-la por mulher.

Seus olhos, lagos de alma de água,  
Tem céus de uma intenção menina.  
De eu vê-la, ri-me a minha mágoa,  
Tornada loura e feminina.

Seu gesto de falar faz bem,  
Criança núbil para ver.

7-9-1931

90

Os galos cantam e eu estou bebedíssimo.  
Não fiz nada da vida senão tê-la.  
Mal amei, bebi bem, sonhei muitíssimo.  
Minha intenção não foi a minha estrela.

Os galos cantam e eu cada vez mais  
Absorto no disperso que o álcool dá.  
Curara-me talvez a vida, ou saís,  
Ou poder crer, ou desejar o que há.

Cantam tantos tão galos que me irrita  
Que a noite que ainda dura possa ser.  
Mas virá o dia, e, ao fim da parte escrita,  
A morte marra e eu deixo-me colher.

4-10-1931

Loura, elançada naquela  
Postura de quási triste,  
Tenho vontade, só a vê-la,  
De ir ter, sem peias, a ela  
E perguntar-lhe se existe.

91

Sim, na estação suburbana,  
De que romance fugiu?  
A quanto é sonho se irmana  
Maravilha, filigrana  
Que a vida enfim conseguiu.

Mas não digo nada. Olho,  
Sem ninguém naquilo que vejo;  
Sonho que, incerto, desfolho —  
Pétalas, pétalas em molho —  
Os jardins do meu desejo.

7-10-1931

### Chez

92

Sim, não tenho razão...  
Deixa-me distrair-me do argumento inútil,  
Não tenho razão, está bem; é uma razão como outra qualquer...  
Se nem oiço? Não sei.  
Creio que sim. Mas repete.  
O amor deve ser constante?  
Sim, deve ser constante.  
Só no amor, é claro.  
Dize ainda outra vez...  
Que embrulhadas a gente arranja na vida!  
Sim, está bem, amanhã trago o dinheiro.  
Ó grande sol, tu não sabes nada disto,  
Alegria que se não pode fitar no azul sereno matinal.

21-10-1931

93

Uma maior solidão  
Lentamente se aproxima  
Do meu triste coração.

Enevoa-se-me o ser  
Como um olhar a cegar...  
A cegar, a escurecer.

Jazo-me sem nexo, ou fim...  
Tanto nada quis de nada,  
Que hoje nada o quer de mim.

23-10-1931

94

Chove. Que fiz eu da vida?  
Fiz o que ela fez de mim...  
De pensada, mal vivida...  
Triste de quem é assim!

Numa angústia sem remédio  
Tenho febre na alma, e, ao ser  
Tenho saudade, entre o tédio,  
Só do que nunca quis ter...

Quem eu pudera ter sido,  
Que é dele? Entre ódios pequenos  
De mim, stou de mim partido.  
Se ao menos chovesse menos!

[23-10-1931]

**D. Miguel Primo de Rivera**  
**Marquês de Estella**

95

Pobre Espanha, já sem ter  
Alma onde ser!  
Fragmento sobrevivente  
De ti mesma, ente  
De te perder!

Relembremos na hora  
Em que em ti chora  
O que não ouves em ti,  
Aquele que foi  
O herói em si  
Do que em ti se perdeu de herói.

Fidalgo que toda a alma deu  
Ao Rei e à Grei que o perdeu  
No incêndio da hora estranha,  
Saibamo-lo, alheios mas homens, chorar,  
Com quem a alma da fidalguia de Espanha  
Foi a enterrar.

13-11-1931

Vem dos lados da montanha  
Uma canção que me diz  
Que, por mais que a alma tenha,  
Sempre há de ser infeliz.

96

O mundo não é seu lar  
E tudo que ele lhe der  
São cousas que estão a dar  
A quem não quer receber.

Diz isto? Não sei. Sem voz  
Chega, música, à janela  
Onde me medito a sós  
Como o luzir de uma estrela.

14-11-1931

97  
Desperto sempre antes que raie o dia  
E escrevo com o sono que perdi.  
Depois, neste torpor em que a alma é fria,  
Aguardo a aurora que já tantas vi.

Fito-a sem atenção, cinzento verde  
Que se azula de galos a cantar.  
Que mau é não dormir! A gente perde  
O que a morte nos dá pra começar.

Oh primavera pintada, aurora,  
Ensina ao meu torpor em que a alma é fria,  
O que é que na alma lívida a colora  
Com o que vai acontecer ao dia.

[14-11-1931]

98  
Clareia cinzenta a noite de chuva,  
Que o dia chegou.  
E o dia é um traje já velho de viúva  
Que alguém desmanchou.

Ainda sem luz, salvo o claro do escuro,  
O céu chove aqui,  
E ainda é um silêncio, ainda é um muro  
Ausente de si.

Não sei que tarefa terei este dia;  
Que é inútil já sei...  
E fito, de longe, minha alma, já fria  
Do que não farei.

[14-11-1931]

A lua (dizem os ingleses) 99  
É feita de queijo verde.  
Por mais que pense mil vezes  
Sempre uma ideia se perde.

E era essa, era, era essa,  
Que haveria de salvar  
Minha alma da dor da pressa,  
De... não sei se é desejar.

Sim, todos os meus revezes  
São de estar sentir pensando...  
A lua (dizem os ingleses)  
É azul de quando em quando.

14-11-1931

Sol de inverno triste e frio 100  
Embora claro e coitado,  
Ao meu coração vazio  
Não dás mais que alheio agrado —

Agrado de se estivesse  
Em outra parte, ou de ser  
Alguém outrem que tivesse  
A dita que não sei ter.

Sempre um pouco matinal,  
Fazes-me mal, faz bem,  
E adoro o bem do teu mal  
Pelo mal que o teu bem tem.

Lá fora talvez onde há  
O pleno azul que é o céu,  
Alguém por seu te terá.  
Eu nem te tenho por meu.

23-12-1931

101

Teu nome ouvido em segredo  
No sonho em que alma fala  
Mesmo assim, repito-o a medo  
À alma que em mim o cala.

[23-12-1931]

102

As lentas nuvens fazem sono,  
O céu azul faz bom dormir.  
Boio, num íntimo abandono,  
À tona de me não sentir.

E é suave, como um correr de água,  
O sentir que não sou alguém.  
Não sou capaz de gozo ou mágoa.  
Minha alma é aquilo que não tem.

Que bom, à margem do ribeiro  
Saber que é ele que vai indo...  
E só em sono eu vou primeiro,  
E só em sonho eu vou seguindo.

25-12-1931

Tão linda e finda a memoro! 103  
Tão pequena a enterrarão!  
Quem me entalou este choro  
Nas goelas do coração?

[25-12-1931]

Oscila a lâmpada vazia 104  
Em pleno templo abandonado.  
Quem quer o quê do que esta fria  
Igreja guarda do passado?

Trouxe-me aqui o andar sem fado  
Que deu a volta à casaria,  
Deixei lá longe o vasto prado  
Onde olivais enchem o dia.

Aqui, só claustro fecha e esfria.  
Falta o azeite lá do prado,  
Oscila a lâmpada vazia,  
Meu Deus, e eu vim daquele lado!

6-2-1932

Oscila a lâmpada vazia 105  
Ao vento só na igreja erma.  
Como ela há uma alma que está fria  
E que de saber que sabe enferma.  
Oscila a lâmpada vazia.

106

O dia splende, luminoso e vasto.  
O grande rio é mar: quem o vê rio?  
Com o que vejo quem eu sou contraste,  
E aqui onde há calor stou onde há frio.

Desde que existo, vivo dividido  
Entre três seres, em que iguais estou:  
O que fui, o que fui sem o ter sido,  
E o que em mim eu em verdade sou.

Quantas traições e coisas ocultadas  
Entre estes meus três seres descobri!  
E eu assisti a tudo, como a estradas,  
Que, veículo deles, percorri.

Hoje que, alheio a tudo e a mim mesmo,  
Posso, à luz deste dia vasto e rico,  
Verificar que fui um ser a esmo,  
É ainda a esmo que eu o verifico.

Tudo é alheio; quanto sou ou fui  
Um outro que não eu sem mim impele.  
Sem saber de fluir, o rio flui.  
Sei que fluo, mas fluo como ele.

7-2-1932

107

Traze, da neve e do luar,  
Tudo o que o branco diz de bem.  
Vem tudo aqui me desfolhar  
Onde me sento a descansar  
De não ter sido mais ninguém.

Traze, das névoas e da altura,  
Tudo que o longe diz de si.  
Vem tudo aqui me dar, na alvura  
Desta manhã que transfigura  
Em longe tudo o que há aqui.

23-2-1932

### Segundo Grau

108

Há um frio e um vácuo no ar.  
Stá sobre tudo a pairar,  
Cinzento-preto, o luar.

Luar triste de antemanhã  
De outro dia e sua vã  
Sperança e inútil afã.

É como a morte de alguém  
Que era tudo que a alma tem  
E que não era ninguém.

Absurdo erro disperso  
No espaço, água onde é imerso  
O cadáver do universo.

É como o meu coração  
Frio da vaga opressão  
Da antemanhã da visão.

23-2-1932

5 a. m.

109

Desperto de sonhar-te  
Quando inda a noite é funda,  
E um céu stelar faz parte  
Do silêncio que inunda.  
Perdi poder amar-te  
E a treva me circunda.

Talvez que relembresse,  
Sonhando-te, outro ser,  
E aquilo que sonhasse  
Fosse tornar a ter.  
Mas despertei, e faz-se  
Claro em meu quarto a ver.

Insónia de perder-te!  
Quem foste já não sei.  
Pela janela verte  
Cada astro a sua lei.  
Como, sem sonhar, ter-te?...  
Porque não dormirei?

4-3-1932

110

Pela janela da noite  
Os astros frios distantes  
Não dão sonho a que se acoite  
O que em nós os vê brilhantes.

Mas alguma cousa desce  
Daquela distância fria  
E anonimamente aquece  
A alma que desconfia.

Ó grande espaço deserto  
Que cobres de mundo a alma,  
□

4-3-1932

Em que pensas quando  
Não pensas?  
São coisas formando,  
Extensas,

111

Grandes redes de nada,  
Ou é  
A própria vida afastada  
Ao pé?

Não respondas:  
Sonha; não te importe  
Eu perguntar.  
Não sou lei nem sorte.  
Vai sonhar.

10-3-1932

Pesa o sono que perdi  
Nas pálpebras em torpor.  
Hoje ontem não consegui.  
Quanto aos poetas do amor,

112

Sim, são muitos. Outros são  
Poetas porque amor faltou.  
Façam disso uma excursão,  
Mas vão sós, porque eu não vou.

Tenho bastante em ter nada.  
Sonhar não custa nem pesa.  
Tenho a alma lógica e errada  
E sou português à inglesa.

10-3-1932

113

Dói-me a alma como um corpo, e o peso todo  
Do que é o mundo se o sentimos ser  
Confunde de torpor o abstrato modo  
Como me sinto compreender.  
Não tarda a noite vasta a alvorecer.  
Paira um silêncio frio e vegetal  
Sobre onde caiu chuva — a terra, ou o lodo,  
As árvores e arbustos do quintal.

Inerte e abandonado transfiguro  
O cansaço que vem de não dormir  
Num grande e ermo cansaço, incerto e escuro,  
Onde não sei como sentir.  
O que sinto nasceu da insónia e o sono,  
Mas, como alheio, cerca-me e é um muro  
Em que o mundo é meu carcereiro e dono.

Tudo quanto se pode em sentimento  
Trazer de mágoa à tona de pensar —  
Infância morta, porvir nevoento,  
Não poder querer nem amar,  
Tudo isso, como se existisse e não  
Fosse um vácuo sem forma, noite ou vento,  
Me pesa como uma desilusão.

15-3-1932

Não, não é nesse lago entre rochedos, 114  
Nem nesse extenso e espúmeo beira-mar,  
Nem na floresta ideal cheia de medos  
Que me fito a mim mesmo e vou pensar.

É aqui, neste quarto de uma casa,  
Aqui entre paredes sem paisagem,  
Que vejo o romantismo, que foi asa  
Do que ignorei de mim, seguir viagem.

É em nós que há os lagos todos e as florestas;  
Se vemos claro no que somos, é  
Não porque as ondas quebrem as arestas  
Verdes em branco □

26-4-1932

Que é afinal o que ela canta? 115  
(Distante, é música sem voz)  
É por ser nada que me encanta,  
E porque, ouvindo-a, estou a sós.  
Remoto em mim, remota ela,  
Num arco-íris da ligação  
A voz multicolor □

[10-5-1932]

Já, entre o sono e o sonho, 116  
A lâmpada esquecida  
Vez após vez entreabre  
O quarto da dormida.

Já, confuso, não sei  
Qual a realidade,  
E, ou dormindo ou sonhando,  
Desconheço a verdade,

Até que o dia raia  
E tudo é novamente  
O que era ontem, sem nada,  
□

Durmo entre o sono e o sonho  
E a lâmpada esquecida  
De eu a apagar entreabre  
O quarto, a noite e a vida.

Confuso, desconheço  
Verdade e realidade,  
Sonho sem saber quando,  
Durmo sem saber se há de

Haver um dia e um fim,  
E uma verdade ao fundo  
Do sono, sonho e vida,  
Que são minha alma e o mundo.

13-5-1932

117

Não quero nada, nem palavras, nem verdade.  
Umhas e outras o que são?  
Pedacos cortados da realidade,  
Momentos de diástole do coração.

Não quero nada. Pensei até não pensar.  
Imaginei até me agarrar de medo  
Ao mais pequeno bocado de céu ou de mar  
Só por ser e por isso me não meter medo.

Nexo inútil entre o que sou e quem sou,  
Metafísica falsa das sensações mortas...  
Não quero nada. Sou um mendigo cego que vou  
Batendo, numa vila deserta, a todas as portas...

13-5-1932

Foi entre as ruínas encontrada  
Uma boneca despedaçada.  
Uma boneca de criança.  
Tinha o cabelo crespo, sem trança,  
Do saque, ou do bombardeamento,  
Ficou, brinquedo do momento.

118

Que é da criança de quem era?  
Morta, expulsa, quem o soubera  
De que servira que o soubesse?  
Foi esse o fado? O fado foi esse.  
Sem querer penso como amou  
Esta boneca quem a usou.

Hoje, se é viva, terá pena  
Desta boneca de pequena.  
Para que serve haver império

□

17-5-1932

Loura e quase que esguia  
Cose, dobrada, à janela.  
Se eu fosse outro pararia  
Chegava a fala com ela.

119

Mas seja o tempo ou o acaso  
Seja a sorte interior,  
Olho mas não faço caso  
Ou não faz caso o amor.

Mas não me sai da memória  
A janela e ela, e eu  
Que se fosse outro na história  
Mas o outro nunca morreu...

18-5-1932

120

Passa no sopro da aragem  
Que um momento a levantou,  
Um vago anseio de viagem  
Que o coração me toldou.

Será que em seu movimento  
A brisa lembra partida,  
Ou que a largueza do vento  
Lembra o ar livre da vida?

Não sei, mas subitamente  
Sinto a tristeza de estar  
O sabor triste que há rente  
Entre sonhar e sonhar.

19-5-1932

121

Chuva? Gotas como bagos,  
Dispersas, dando no chão,  
Sem aqueles bons afagos  
Que a chuva faz sem estragos,  
Lágrimas sem coração...

Chuva? Não. Tormenta falha.  
Trovoada que o não foi.  
É como quando a alma ralha  
Com a sorte que lhe calha,  
E nem a sorte lhe dói.

Chuva? O meu desassossego...  
A intranquilidade inerte  
Que me torna quem me nego...  
Chuva? Entorpeço e renego.  
Que mágoa em mim me converte?

20-5-1932

O peso inútil de haver horas,  
Lugares, pontos onde estar,  
Maneiras de chegar, demoras  
Porque outros há que têm lugar.

122

Príncipe, sem *rondeau*, *envoy*  
Ou qualquer coisa  
□

20-5-1932

Há quási um ano não screvo.  
Pesada, a meditação  
Torna-me alguém que não devo  
Interromper na atenção.

123

Tenho saudades de mim,  
De quando, de alma alheada,  
Eu era não ser assim,  
E os versos vinham de nada.

Hoje penso quanto faço,  
Screvo sabendo o que digo...  
Para quem desce do espaço  
Este crepúsculo antigo?

23-5-1932

124

Fúria na noite o vento  
Num grande som de alongar.  
Não há no meu pensamento  
Senão não poder parar.

Parece que a alma tem  
Treva onde sopra a crescer  
Uma loucura que vem  
De querer compreender.

Raiva nas trevas o vento  
Sem se poder libertar.  
Estou preso ao meu pensamento  
Como o vento preso ao mar.

23-5-1932

125

A morte é a curva da estrada,  
Morrer é só não ser visto.  
Se escuto, eu te oiço a passada  
Existir como eu existo.

A terra é feita de céu.  
A mentira não tem ninho.  
Nunca ninguém se perdeu.  
Tudo é verdade e caminho.

23-5-1932

Dizia o Guerra Junqueiro 126  
Em versos de um grande adeus  
Verbalmente derradeiro  
Aos homens e aos mitos seus:

«Declaro-me aposentado.  
Acabei. Ponto final.  
Restam-me o céu estrelado  
E as rosas do meu quintal.»

Ah, é o vero misticismo!  
(E é mentira, por sinal.)  
Muitas vezes nele cismo.  
Vou ver se arranjo um quintal.

24-5-1932

Lembro-me ou não? Ou sonhei? 127  
Flui como um rio o que sinto.  
Sou já quem nunca serei  
Na certeza em que me minto.

O tédio de horas incertas  
Pesa no meu coração.  
Paro ante as portas abertas  
Sem escolha nem decisão.

13-6-1932

Basta pensar em sentir 128  
Para sentir em pensar.  
Meu coração faz sorrir  
Meu coração a chorar.

Depois de parar e andar,  
Depois de ficar e ir,  
Hei de ser quem vai chegar  
Para ser quem quer partir...

Viver é não conseguir.

14-6-1932

129

Como nuvens pelo céu  
Passam os sonhos por mim.  
Nenhum dos sonhos é meu  
Embora eu os sonhe assim.

São coisas no alto que são  
Enquanto a vista as conhece  
Depois são sonhos que vão  
Pelo campo que arrefece.

Símbolos? Sombras? Quem torna  
Meu coração ao que foi?  
Que dor em mim me transtorna?  
Que coisa inútil me dói?

17-6-1932

130

Bendito galo que cantas  
Da noite que vai ser dia!  
Parece que me levantas  
Do ser meu em que jazia.

Teu grito estrídulo e puro  
É a manhã antes dela.  
Ainda bem que há futuro!  
Brilha mal a última estrela.

Renovas, graças a Deus,  
Teu som prolongado e claro.  
Clareia a orla dos céus.  
Porque penso? porque paro?

19-6-1932

O sono é suave, mas o meio-sono  
É mais suave ainda. Estar sabendo  
Que se está nesse lúcido abandono  
É como a brisa à sombra se entretendo.

131

O amor é suave, mas o amar-talvez  
É mais suave ainda. É como estar  
Sobre a extensão alegre de um convés  
A fitar sem os ver o céu e o mar.

A vida é suave, mas poder haver  
Outra melhor é mais suave ainda.  
É como entre a erva alta o malmequer  
Que, uma vez visto, todo o campo alinda.

Assim, sob altos ramos rumorosos  
Pensei, e a breve e incerta viração  
Dava-me pensamentos mais ditosos  
Do que quaisquer felicidades dão.

Pouco sabemos do que há ou somos.  
Nada sabemos do que nos espera.  
Para uns a vida é a fruta, ou os seus gomos.  
Para outros é só a primavera.

29-6-1932

132 Ah, feliz quem não pensa, porque a vida,  
Pois que é parente seu, lhe dá guarida!  
Feliz quem faz de bicho, pois que o é!  
Quanto a ter crenças, antes ter só fé,  
Que é não saber quem se é nem que se quer.  
Ah, feliz quem não pensa, pois que é um ser.  
Visto que ser é estar no espaço e dar  
Consciência a um lugar.

[29-6-1932]

133 Porque sou tão triste ignoro  
Nem porque subis em mim  
Lágrimas que eu choro assim;  
Desde menino vos choro  
E ainda não vos achei fim.

Mas então também eu ria.  
Chorava quando sofria,  
Chorava porque sofria,  
E ao meu sofrimento penso  
Parecia o choro imenso.

Que melhor era esse fundo  
Pesar que já se perdeu  
E seu chorar que morreu —  
Chorar como chora o mundo,  
Que não como choro eu.

28-7-1932

Quando já nada nos resta 134  
É que o mudo sol é bom.  
O silêncio da floresta  
É de muitos sons sem som.

Basta a brisa pra sorriso.  
Entardecer é quem esquece,  
Dá nas folhas o impreciso,  
E mais que o ramo estremece.

Ter tido speranza fala  
Como quem conta a cantar.  
Quando a floresta se cala  
Fica a floresta a falar...

9-8-1932

A aranha do meu destino 135  
Faz teias de eu não pensar.  
Não soube o que era ser menino.  
Sou adulto sem o achar.

É que a teia, de espalhada  
Apanhou-me o querer ir...  
Sou uma vida baloiçada  
Na consciência de existir.

A aranha da minha sorte  
Fez teia de muro a muro...  
Sou presa do meu suporte.

10-8-1932

136

Ah, só eu sei  
Quanto dói meu coração  
Sem fé nem lei,  
Sem melodia nem razão.

Só eu, só eu,  
E não o posso dizer  
Porque sentir é como o céu.  
Vê-se mas não há nele que ver.

[10-8-1932]

137

No meu sonho estiolaram  
As maravilhas de ali.  
No meu coração secaram  
As lágrimas que sofri.  
Mas os que amei não acharam  
Quem eu era, se era em si,  
E a sombra veio e mataram  
Quem fui e nunca senti.

[ca. 10-8-1932]

138

Lâmpada deserta,  
No átrio sossegado  
Há sombra desperta  
Onde se ergue o estrado.

No estrado está posto  
Um caixão floral.  
No átrio está exposto  
O corpo fatal.

Não dizem quem era  
No sonho que teve.  
E a sombra que o spera  
É a vida em que esteve.

[10-8-1932]

Já a beleza vejo com a mente  
E com pensar a amo.  
Assim me velho sinto.  
Que me dera o error restituído  
Com que a via tão perto  
Que o vê-la era senti-la.

139

13-8-1832

Ignora e spera. Quantos, por saberem,  
Por não ser ciência perdem a sperança.  
Quantos, porque souberam,  
Não querem já saber mais nem recordar  
Com sperança, da inútil ciência ida  
Servos libertos teimosos.

140

Que pesa que no parvo entendimento  
Como estrangeiro peses? Sê quem és  
Nem cures de quem querem.  
Algues onde ainda há mundo, pensa em  
Alguém contigo, e os pastores são filhos  
Desse que te esperara.

[ca. 13-8-1932]

**Lisboa**

Ah como incerta, na noite em frente,  
De uma longínqua tasca vizinha  
Uma ária antiga, subitamente,  
Me faz saudades do que as não tinha.

A ária é antiga? É-o a guitarra.  
Da ária mesma não sei, não sei.  
Sinto a dor... sangue, não vejo a garra.  
Não choro, e sinto que já chorei.

Qual o passado que me trouxeram?  
Nem meu nem de outro, é só passado:  
Todas as coisas que já morreram  
A mim e a todos, no mundo andado.

É o tempo, o tempo que leva a vida  
Que chora e choro na noite triste.  
É a mágoa, a queixa mal-definida  
De quanto existe, só porque existe.

14-8-1932

Vinha elegante, depressa,  
Sem pressa e com um sorriso,  
E eu, que sinto co'á cabeça,  
Fiz logo o poema preciso.

No poema não falo dela  
Nem como, adulta menina,  
Virava a esquina daquela  
Rua que é a eterna esquina...

No poema falo do mar,  
Descrevo as ondas e a mágoa.  
Releio-o e vejo a lembrar,  
E uma figura a esfumar  
Da esquina chama-me na água.

14-8-1932

Lá fora onde árvores são  
O que se mexe a parar  
Não vejo nada senão,  
Depois das árvores, o mar.

143

É azul intensamente,  
Salpicado de luzir,  
E tem na onda indolente  
Um suspirar de dormir.

Mas nem durmo eu nem o mar.  
A ambos nós, no dia brando,  
Uma alheia força impele.  
E ele sossega a avançar  
E eu não penso e estou pensando.

14-8-1932

Nada que sou me interessa.  
Se existe em meu coração  
Qualquer coisa que tem pressa  
Terá pressa em vão.

144

Nada que sou me pertence.  
Se existe em quem me conheço

Qualquer coisa que me vence  
Depressa a esqueço.

Nada que sou eu serei.  
Sonho, e se existe em meu ser  
Um sonho do que terei  
Sei que o não hei de ter.

24-8-1932

145

O ponteiro dos segundos  
É o exterior de um coração.  
Conta a minutos os mundos,  
Que os mundos são sensação.

Vejo, como quem não vê,  
Seu curso em círculo dar  
Um sentido aqui ao pé  
Do universo todo no ar.

29-8-1932

146

Depois que o som da treva, que é não tê-lo,  
Passou, nuvem obscura sobre o vale  
E uma brisa afetando meu cabelo  
Me diz que fale, ou me diz que cale,

A nova claridade veio, e o sol  
Depois, ele mesmo, e tudo era verdade.  
Mas quem me deu sentir e a sua prole?  
Quem me vendeu nas hastas da vontade?

Nada. Uma nova obliquação da luz,  
Interregno factício onde a erva esfeia.  
E o pensamento inútil se conduz

Até saber que nada vale ou pesa  
E não sei se isto me ensimesma ou alheia,  
Nem sei se é alegria ou se é tristeza.

13-9-1932

Rala cai chuva. O ar não é escuro. A hora  
Inclina-se na haste; e depois volta.  
Que bem a fantasia se me solta!  
Com que vestígios me descobre agora.

147

Tédio dos interstícios, onde mora  
A fuga do lagarto... O muro escolta  
A minha eterna angústia da revolta  
E esse muro sou eu e o que em mim chora.

Não digas mais, pois te ignorei cativo...  
Teus olhos lembram o que querem ser  
Murmúrio de águas sobre a praia, e o esquivo

Langor do poente que me faz esquecer.  
Que real que és! Mas eu, que vejo e vivo,  
Perco-te, e o som do mar faz-te perder.

13-9-1932

148

Casa de campo, quarto sobre a estrada;  
Noite não alta, mas deitei-me. Entreouço  
Próximos guizos, carro, ou cavalgada.  
Sonolento, remoço.

Mas bate-me, entre o sonho, o coração.  
Quando eu morrer não faltarão na estrada  
(Ó meu não despertar da confusão!)  
Guizos, e o carro, ou cavalgada.

21-9-1932

149

Oscila o incensório antigo  
Em fendas e ouro ornamental.  
Sem atenção, absorto sigo  
Os passos lentos do ritual.

Mas são os braços invisíveis  
E são os cantos que não são  
E os incensórios de outros níveis  
Que vê e ouve o coração.

Ah, sempre que o ritual acerta  
Seus passos e seus ritmos bem,  
O ritual que não há desperta  
E a alma é o que é, não o que tem.

Oscila o incensório visto,  
Ouvidos cantos stão no ar,  
Mas o ritual a que eu assisto  
É um ritual de relembrar.

No grande Templo antenatal,  
Antes de vida e alma e Deus...  
E o xadrez do chão ritual  
É o que é hoje a terra e os céus...

22-9-1932

Ouço sem ver, e assim, entre o arvoredado,  
Vejo ninfas e faunos entremear  
As árvores que fazem sombra ou medo  
E os ramos que sussurram de eu olhar.

150

Mas que foi que passou? Ninguém o sabe.  
Desperto, e ouço bater o coração —  
Aquele coração em que não cabe  
O que fica de perda da ilusão.

Eu quem sou, que não sou meu coração?

24-9-1932

### *Rondeau*

151

Faz noite em meu coração.  
Tenho sono de dormir.  
Já me esqueci de porvir.  
Não demorem muito, então!  
Que o Bi fez chichi no chão...

Não precisou consentir.  
Basta-lhe só comichão.  
Na cara esfregou o pão  
E a manteiga no sorrir,  
E fez um chichi no chão.

Vendo bem, e com razão,  
Onde o faria? (Advertir  
Que o penico é para rir)  
No teto? Claro que não.  
O Bi fez chichi no chão.

*Envoy*

Princesa, este mundo a ir  
Para o nada é um sonho vão.  
Mande uma (com um esfregão)  
Dama de honor aqui vir  
Que o Bi fez chichi no chão.

25-9-1932

152

Numa árvore pousada,  
Ouvi a ostra cantar...  
Mas, ai!, não cantava nada!  
Aquele cetáceo alvar  
Sabe só cantar no mar...

Mas com tanto céu sem fim  
Sempre se consegue ouvir  
A ostra dizer assim:

Tinha uma voz sonogada  
Aquele cetáceo alvar.

Eu é que ouvia porque ouço  
O que não há para ouvir,  
E é por isso que posso  
Ter em cima do pescoço  
Um crânio-ostra a sorrir.

Mas, dados estes detalhes  
E conhecida a canção,  
Ó ostra, ó ostra, não ralhes!

[25-9-1932]

### Monte Abiegnio

153

Stou só. Do alto supremo do ermo monte  
Vejo o que há em baixo, onde já estive e fui.  
É, até ao calmo e pálido horizonte,  
Um verdejar de campos e arvoredos,  
Um rio de aqui parado, e que ali flui,  
E os casais onde o fumo acorda cedo.

É toda a vida humana e natural  
Extensa a meus olhos que estou longe e acima.  
Vai em socalcos íntimos, que anima  
O arvoredos vários, até ao val.  
No vale forma aldeia e como espuma.  
Depois, qual rio, de novo abre o curso,  
E do vale ao horizonte, sem percurso,  
As casas tornam a ser uma a uma.

É tudo quanto já não sou que doura  
O sol universal longe de mim.  
Há ainda em mim um hálito que implora  
Que volte aonde há casas e arvoredos,  
Que deixe o alto, que é o ermo e o fim.  
Mas aqui a saudade acaba cedo.  
E eu quero não querer, sozinho assim.

Com grandes mágoas e saudades tantas  
Até este ermo altíssimo subi.

Subi porque lá baixo homens e plantas  
(Que são a mesma coisa, como eu vi)  
Fecham a vista, fazem sono e gozo,  
E eu queria aquilo que não consegui —  
O monte no alto e o seu cruel repouso.

Por isso, embora me prendesse, como  
Um braço à cinta de quem se ama, o lar  
Em que tudo que o vale tem consiste,  
Tomei por bom o meu incerto assomo,  
E vim subindo até onde ousei estar —  
Esta alta solidão, sublime e triste.

Aqui ninguém solícito me chama,  
Aqui ninguém anónimo me odeia,  
Aqui ninguém me prende, porque me ama,  
Ou, porque me não ama, me procura.  
Aqui, sem árvores, não tece teia  
A aranha da ventura e desventura.

Aqui farei meu lar, onde estou só.  
Aqui, enquanto vive o que em mim vive  
Do que eu sou que é igual ao sol e ao pó,  
Terei não ter aquilo que ontem tive.  
Serei rico de quanto eu abdiquei,  
E nem com saudades amarei  
Esse vale visível onde estive.

Lá em baixo vejo — o sol lhe doura a quinta,  
E há um brilho vago, que é o do tanque ao sol —  
O lar onde morei a vida extinta  
De que subindo me desapeguei.  
Outrora a sombra áurea ante o arrebol  
Vinha pelo pomar quási indistinta.  
Tantas vezes, desperto, a vi e amei!

Também, o um pouco à esquerda, onde há a ponte,  
(Vejo de aqui o rio um pouco além,  
Mas não a ponte) me recorda o quando  
Meditei, jovem, meu destino insonte,  
Na ponte recostado meditando.  
Amar, vencer, ser tudo — era o horizonte.  
Melhor é o nada que este monte tem.

Tudo me lembra qualquer coisa... Tudo  
Tem qualquer cousa minha ou eu de ali.  
Não há nada visível, neste estudo  
Do meu passado, feito já de aqui,  
Que não tenha de meu uma saudade,  
Que não tenha de seu a realidade  
Invisível do que eu ali vivi.

Mas mais que o gozo, certo ou só sonhado,  
Da vida nesse vale e campos vastos,  
Valeu o gesto de deixar o gado  
Sozinho, entregue à vastidão dos pastos,  
E tomar o caminho da montanha,  
Que o sol que nasce e o sol que morre banha,  
E a eterna neve enche de mau agrado.

Aqui estou, e contento-me de ver  
Sem saudades o que abandonei  
Com saudades que não julguei ter,  
Com prantos e amarguras que sequei.  
Aqui, na alta e solene soledade,  
Sozinho com a neve e a verdade,  
Tenho-me a mim, porque tudo abdiquei.

Nada me tira a mim neste degredo  
A que os astros não faltam. Nada aqui  
Floresce ou lança sombra. Nem a medo

Um passo se aproxima ou se recua.  
As nuvens, vivas rente ao meu segredo,  
Fecham-me aos que do vale onde vivi  
Vivem de alheio vestindo a vida sua.

Aqui sem lar nem casa morarei.  
Nesta caverna altíssima, que fita  
Entre o poente e o sul, descansarei.  
Sobre a própria alma, □, reinarei,  
Liberto da ventura e da desdita.

Meu corpo mirrará de solidão.  
Minha alma secará de estar sozinha.  
Minha voz perderei de não ouvida.  
Mas serei dos que, na órbita mesquinha  
Da vida, por ser altos, nada são;  
Dos que preferem a Montanha à vida.

26-9-1932

154

Quem me diz que sou quem julgo?  
Os doidos é que estão certos.  
Por bem ou mal, não promulgo...  
Mas quem dera ter abertos

Os ouvidos ao segredo  
Da fantasia que engana  
E ser quem não se é sem medo  
Segundo a maneira humana!

Todos sabem a verdade  
Menos eu, que a procurei  
Com tanta sinceridade!

[post 26-9-1932]

Na sombra do Monte Abiegno  
Repousei de meditar.  
Vi no alto o alto Castelo  
Onde sonhei de chegar.  
Mas repousei de pensar  
Na sombra do Monte Abiegno.

Quanto fora amor ou vida,  
Atrás de mim o deixei.  
Quanto fora desejá-los,  
Porque esqueci não lembrei.  
À sombra do Monte Abiegno  
Repousei porque abdiquei.

Talvez um dia, mais forte  
Da força ou da abdicação,  
Tentarei o alto caminho  
Por onde ao Castelo vão.  
Na sombra do Monte Abiegno  
Por ora repouso, e não.

Quem pode sentir descanso  
Com o Castelo a chamar?  
Está no alto, sem caminho  
Senão o que há por achar.  
Na sombra do Monte Abiegno  
Meu sonho é de o encontrar.

Mas por ora estou dormindo,  
Porque é sono o não saber.  
Olho o Castelo de longe,  
Mas não olho o meu querer.  
Da sombra do Monte Abiegno  
Quem me virá desprender?

3-10-1932

Do vale à montanha,  
Da montanha ao monte,  
Cavalo de sombra,  
Cavaleiro monge,  
Por casas, por prados,  
Por quinta e por fonte,  
Caminhais alheados.

Do vale à montanha,  
Da montanha ao monte,  
Cavalo de sombra,  
Cavaleiro monge,  
Por penhascos pretos,  
Atrás e defronte,  
Caminhais secretos.

Do vale à montanha,  
Da montanha ao monte,  
Cavalo de sombra,  
Cavaleiro monge,  
Por plainos desertos  
Sem ter horizonte,  
Caminhais libertos.

Do vale à montanha,  
Da montanha ao monte,  
Cavalo de sombra,  
Cavaleiro monge,  
Por ínvios caminhos,  
Por rios sem ponte,  
Caminhais sozinhos.

Do vale à montanha,  
Da montanha ao monte,  
Cavalo de sombra,

Cavaleiro monge,  
Por quanto é sem fim,  
Sem ninguém que o conte,  
Caminhais em mim.

24-10-1932

Uma névoa de outono o ar raro vela,  
Cores de meia-cor pairam no céu.  
O que indistintamente se revela,  
Árvores, casas, montes, não é meu.

157

Sim, vejo-o, e pela vista sou seu dono.  
Sim, sinto-o, pelo coração o como,  
Mas entre mim e ver há um grande sono,  
E sentir é só a janela a que eu assomo.

Amanhã, se estiver um dia igual,  
Mas eu for outro, porque é amanhã,  
Terei outra verdade universal,  
E será como está □

5-11-1932

Que suave é o ar! Como parece  
Que tudo é bom na vida que há!  
Assim meu coração pudesse  
Sentir essa certeza já.

158

Mas não; ou sigo a selva escura  
Ou sigo um Dante mais diverso,  
A alma é literatura  
E tudo acaba em nada e verso.

Mas que mais pode ficar feito  
Da vida e da incerteza toda  
□

6-11-1932

159

Cansa sentir quando se pensa.  
No ar da noite a madrugada  
Há uma solidão imensa  
Que tem por corpo o frio do ar.

Neste momento insone e triste  
Em que não sei quem hei de ser,  
Pesa-me o informe real que existe  
Na noite antes de amanhecer.

Tudo isto me parece tudo.  
Mas noite, frio, negror sem fim,  
Mundo mudo, silêncio mudo —  
Ah, nada é isto, nada é assim!

9-11-1932 a. m.

160

Não meu, não meu é quanto escrevo.  
A quem o devo?  
De quem sou o arauto nado?  
Porque, enganado,  
Julguei ser meu o que era meu?  
Que outro mo deu?  
Mas, seja como for, se a sorte  
For eu ser morte  
De uma outra vida que em mim vive,  
Eu, o que estive

Em ilusão toda esta vida  
Aparecida,  
Sou grato  
Ao de quem sou, erguido pó,  
Símbolo só.

9-11-1932

### Ligeia

161

Não quero ir onde não há a luz,  
Do outro lado abobada do solo,  
Ínfera imensa cripta, não mais ver  
As flores, nem o curso ao sol de rios,  
Nem onde as estações que se sucedem  
Mudam no campo o campo. Ali, no escuro,  
Só sombras múrmuras, êxuis de tudo  
Salvo da saudade, eternas moram;  
Região aos mesmos íncolas incógnita,  
Dos naturais, se os tem, desconhecida.  
Ali talvez só lírios cor de cinza  
Surgirão pálidos da noite imota.  
Ali talvez só pelo som as águas,  
Como a cegos, serão, e o surdo curso,  
No concavo sossego lamentoso,  
Se acaso à vista habituada aclare,  
Será como um cinzento tédio externo.

Não quero o pátrio sol de toda a terra  
Deixar atrás, descendo, passo a passo,  
A escadaria cujos degraus são  
Sucessivos aumentos de negrume,  
Até ao extremo solo e noite inteira.

Para que vim a esta clara vida?  
Para que vim se um dia hei de cair  
Da haste dela? Para que no solo  
Se abre o poço da ida? Porque não  
Será sem fim □

16-11-1932

162

Supõe que morres amanhã.  
Que olhar hoje, na despedida,  
Darás a esta cousa, vã  
Subitamente, que é a vida?

Terás um súbito desejo  
De ter o mundo todo a encher,  
Fera do limitado ensejo,  
O momento último de ver.

Pois isso faze: assim, raivoso,  
De toda a ampla glória vã  
Do mundo embriaga o olhar nervoso.  
Morres deveras amanhã.

27-11-1932

163

Sorriso audível das folhas,  
Não és mais que a brisa ali.  
Se eu te olho e tu me olhas,  
Quem primeiro é que sorri?  
O primeiro a sorrir ri.

Ri, e olha de repente,  
Para fins de não olhar,

Para onde nas folhas sente  
O som do vento passar.  
Tudo é vento e disfarçar.

Mas o olhar, de estar olhando  
Onde não olha, voltou;  
E estamos os dois falando  
O que se não conversou.  
Isto acaba ou começou?

27-11-1932

A roupa estendida ao vento  
Parece gente a viver.  
Move-se em gestos sem tento  
E acena ao meu pensamento  
Que está dormindo de ver.

164

Ah, o que fazem no mundo  
Os homens nos gestos seus  
Não é mais firme ou profundo  
Que um ar nas roupas ao fundo  
Dos quintais que há sob os céus.

E eu no meu solene estudo  
De como as cousas não são,  
No qual compreendo tudo,  
Vejo o branco agitar mudo  
Da roupa sem coração

E lembro, por diferença,  
A semelhança que há  
Entre a agitação intensa  
Da roupa livre e suspensa  
E aquela em que o homem está.

Ao sol e ao vento da vida  
Livre e preso sob os céus  
Oscila, coisa movida,  
Mas é só roupa estendida  
Nos grandes quintais de Deus.

7-12-1932

165

Nesta vida em que sou meu sono,  
Não sou meu dono,  
Quem sou é quem me ignoro e vive  
Através desta névoa que sou eu  
Numa só vida que eu outrora tive.  
Mar sou; baixo marulho ou alto rujo,  
Mas minha cor vem do meu alto céu,  
E só me encontro quando de mim fujo.

Quem quando eu era infante me guiava  
Senão a vera alma que em mim estava?;  
Atada pelos laços corporais,  
Não podia ser mais.  
Mas, certo, um gesto, olhar ou esquecimento  
Também, aos olhos de quem bem olhasse,  
A Presença Real sob o disfarce  
Da minha alma prescruta sem intento.

Não sei quem sou. Sou o emissário meu.  
Não me conheço □

Sou Deus onde sou eu, aqui não sou.

Vejo passar os barcos pelo mar,  
Suas velas, como asas do que vejo,  
Trazem-me um vago e nítido desejo

De ser quem foi, sem eu saber que foi.  
Por isso tudo lembra o meu ser lar,  
E porque o lembra quanto sou me dói.

11-12-1932

Vai pela estrada que na colina  
É um risco branco na encosta verde —  
Risco que em arco sobe e declina  
E, sem que iguale, se à vista perde —,

166

A cavalgada, formigas cores,  
De gente grande que aqui passou.  
Eram dois sexos multicolores  
E riram muitos por onde estou.

Por certo alegres assim prosseguem.  
Quem porém sabe se o não sou mais —  
Eu, só de vê-los e como seguem;  
Eu, só de achá-los todos iguais?

Eles para eles são um ou outro;  
Pra mim são todos — a cavalgada —,  
Numa alegria, distante e neutro,  
Que a nenhum deles pode ser dada.

Os sentimentos não têm medida,  
Nem, de uns para outros, comparação.  
Vai já na curva que é a descida  
A cavalgada meu coração.

15-12-1932

167

Vi passar, num mistério concedido,  
Um cavaleiro negro e luminoso  
Que, sob um grande pálio rumoroso,  
Seguia lento com o seu sentido.

Quatro figuras que lembrando olvido  
Erguiam alto as varas, e um lustroso  
Torpor de luz dormia tenebroso  
Nas dobras desse pano estremecido.

Na frente do vencido ou vencedor  
Uma coroa pálida de espinhos  
Lhe dava um ar de ser rei e senhor.

16-12-1932

168

Que temes? A névoa desce  
Velando tudo ao olhar,  
Mas o que desaparece  
Continua ali a estar.

A morte mata somente  
O poder-nos outrem ver.  
Nosso ser segue presente  
Naquilo que é nosso ser.

Não temas. Há uma montanha  
Entre dois vales ou prados.

16-12-1932

Eu sou uma antologia. 169  
Screvo tão diversamente  
Que, pouca ou muita a valia  
Dos poemas, ninguém diria  
Que o poeta é um somente.

Assim deve ser — qualquer  
Pode ser um, porque o é.  
O poeta deve ser  
Mais do que um, para poder.

Depois para si o poeta  
Deve ser poeta também.  
Se ele não tem a completa  
Diversidade  
Não é poeta, é só alguém.

Eu, graças a Deus, não tenho  
Nenhuma individualidade.  
Sou como o mundo.

17-12-1932

Ladram uns cães a distância, 170  
Cai uma tarde qualquer,  
Na brisa vem a fragrância  
De campo, e eu deixo de ver.

Um sonho meio sonhado  
Em que o campo transparece,  
Está no ar, está a meu lado,  
Ora me lembra ora me esquece.

E assim neste ócio profundo  
Sem males vistos ou bens,  
Sinto que todo este mundo  
É um lugar onde ladram cães.

25-12-1932

Na erva brincam meninos  
Cobrem a erva a sorrir  
Mais tarde, ao som leve de sinos,  
Já não há de haver meninos,  
A erva é que os há de cobrir.

171

Na brisa ligeira os vestidos  
Das senhoras a falar.  
Mas, vindo os fados temidos,  
Hão de vestir, sem sentidos,  
O solo onde hão de enterrar.

Na brisa rodam os risos,  
São risos de quem existe,  
Mas nos seus tempos precisos  
Hão de dormir todos lisos  
No mesmo chão verde e triste.

E tudo isso, que faz pena  
Afinal só finge ser.  
Não creias na erva serena  
Nem na má terra morena.  
Não chores. Não há morrer.

Todos os meninos ledos  
E as senhoras a brincar  
São para os deuses brinquedos,  
Fazem-os morrer por medos.  
Durmam bem, que hão de acordar.

26-12-1932

Por mais que tente, não me desembrulho.  
Há qualquer cousa de confuso em mim.  
Lá pela confusão não dar barulho,  
Não quer dizer que lhe não seja afim.

172

Na noite informe ao luar brilha o jardim.  
O mar ao longe dorme o seu marulho.  
Que quieto é tudo! Como até o orgulho  
De poder ser alguém aqui tem fim!

Como nesta noturna quietação  
Tudo se acalma e até se desconhece  
No fundo ignoto do ermo coração.

Ah, com que quantidade tudo esquece!  
Como tudo é silêncio e confusão  
Onde só o som das árvores estremece!

31-12-1932

Como os melhores, nada fiz da vida.  
Como os que sonham não a quis achar.  
Trago-a nos braços, vindo na descida,  
Como quem quer e teme abandonar.

172A

Dormes, planície absurda ao só luar,  
Diversa, sossegada, indefinida,  
E no meu coração há um gelar  
De quanto dei de sonho à hora ida.

Neve em quem sou, se ser quem sou me ocorre —  
E alheio, plácido, sem neve ou vê-la,  
□

31-12-1932

173 Leves véus velam, nuvens vãs, a lua.  
Crepúsculo na noite..., e é triste ver,  
Em vez da límpida amplitude nua  
Do céu, a noite e o céu a escurecer.

A noite é húmida de conhecer,  
Sem que humidade de água seja sua.

9-1-1933

174 Quero, terei —  
Se não aqui,  
Noutro lugar que inda não sei.  
Nada perdi.  
Tudo serei.

9-1-1933

Cabeça augusta, que uma luz contorna,  
Que há entre mim e o mundo que me faz  
(Porque em espinhos a auréola se torna?)  
Ansiar a minha morte e a tua paz?

175

A tua história — Pilato ou Caifás —  
Que tem? São sonhos que o narrar transtorna.  
Não é esse o Calvário a que te traz  
Tua sina onde todo o fel se entorna.

Não. É em mim que se o Calvário ergueu.  
É em meu coração abandonado  
Que Ele, cabeça augusta, alto sofreu.

Quem na Cruz onde está ermo e pregado  
O pregou? Foi Romano ou foi Judeu?  
Bate-me o coração. Meu Deus, fui eu!

20-1-1933

É um campo verde e vasto,  
Sozinho sem saber,  
De vagos gados pasto,  
Sem águas a correr.

176

Só campos, só sossego,  
Só solidão calada.  
Olho-o, e nada nego  
E não afirmo nada.

Aqui em mim me exalço  
No meu fiel torpor,  
O bem é frouxo e falso,  
O mal é erro e dor.

Agir é não ter casa,  
Pensar é nada ter.  
Aqui nem brisa na asa,  
Nem razão para a haver.

E um vago sono desce  
Só por não ter razão,  
E o mundo alheio esquece  
À vista e ao coração.

Torpor que alastra e excede  
O campo e o gado sem os ver.  
E a alma nada pede  
E o corpo nada quer.

Feliz sabor de nada,  
Insciência de mundo,  
Aqui sem ponte ou estrada,  
Nem horizonte ao fundo.

24-1-1933

177

Alhures a alma peca: o Inferno é o Mundo,  
Matéria e Forma o eterno fogo são —  
Em que a Alma, que pecou no além profundo,  
Sente o degredo e vive a punição.  
Eterno é o fogo, o mundo, eternas são  
As penas dos que nele vão ao fundo.

29-1-1933

Deixei de ser aquele que esperava...  
Isto é, deixei de ser quem nunca fui.  
Entre onda e onda a onda não se cava,  
E tudo, em seu conjunto, baixa e flui.

178

A seta dorme, inerme, na ampla aljava,  
O presente ao futuro cria e imbui.  
Se os mares erguem sua fúria brava  
É que a futura paz seu ritmo obstrui.

Tudo depende do que não existe.  
Por isso meu ser mudo se converte  
Na própria semelhança austera e triste.

Nada me explica. Nada me pertence.  
E sobre tudo a luz alheia verte  
A luz que tudo usurpa e nada vence.

10-2-1933

Quando, com razão ou sem,  
Sobre o medo amplo da alma  
A sombra da morte vem,  
É que o espírito vê bem,  
Com clareza mas sem calma,

179

Que sombra é a vida que passa,  
Que mágoa é a vida que cessa,  
E ama a vida mais □

10-2-1933

180

Às vezes a chuva é sol,  
Quando clara se desata  
Em poeira dura de prata  
De nuvens claras sem sol.

Então dá calma e alegria  
E tanto faz o chover  
Como haver sol a encher  
O céu azul de alegria.

A tristeza às vezes é  
Uma alegria que nasce  
Sob o acaso de um disfarce,  
E é isso que a vida é.

4-3-1933

181

Quem bate à porta de eu ser  
Sem que eu saiba qual a porta?  
Vou começar a saber?  
Vou saber que vive morta  
A esperança de querer?

Nada. Quem bate não bate,  
E quem stá não pode estar.  
É inútil o rebate,  
Pois no xadrez quando há mate,  
Matou-se, mas sem matar.

4-3-1933

Sim, ninguém me compreende. 182  
Pior se compreendesse!  
Ninguém a ninguém entende,  
Porque se alguém se entendesse,  
A alma seria um duende.

[4-3-1933]

Na noite em que não durmo 183  
Não dorme  
O relógio também.  
Pus na alma esvurmo.  
É enorme  
O que a treva contém.

Podridão da alma, moribundo  
Do que me julguei ser,  
Ouço o mundo.  
É um vento surdo e fundo,  
Que do abismo profundo  
Vela o meu morrer.

Indiferente assisto  
Ao cadaverizar  
Do que sou.  
Em que alma ou corpo existo?  
Vou dormir ou despertar?  
Onde estou se não estou?

Nada. É, na treva onde fala  
O relógio fatal,  
Uma grande, anónima sala,  
Uma grande treva onde se cala,  
Um grande bem que sabe a mal,

Uma vida que se desiguala,  
Uma morte que não sabe a que é igual.

13-3-1933

184 Penso em ti no silêncio na noite, quando tudo é nada,  
E os ruídos que há no silêncio fazem o próprio silêncio,  
Então, sozinho de mim, passageiro parado  
De uma viagem sem Deus, inutilmente penso em ti.  
Todo o passado, em que foste um momento eterno,  
É como este silêncio de tudo.  
Todo o perdido, em que foste o que mais perdi,  
É como estes ruídos,  
Todo o inútil, em que foste o que não houvera de ser,  
É como o nada por ser neste silêncio noturno.  
Tenho visto morrer, ou ouvido que morressem,  
Quantos amei ou conheci,  
Tenho visto não saber mais nada deles de tanto que foram  
Comigo, e pouco importa se foi uma hora ou uma conversa;  
Ou um passeio emotivo e mudo,  
E o mundo hoje para mim é um cemitério de noite,  
Branco e negro de campas e árvores e de luar alheio  
E é neste sossego absurdo de mim e de tudo  
Que penso em ti.

[15-3-1933]

185 Assim, sem nada feito e o por fazer  
Mal pensado, ou sonhado sem pensar,  
Vejo meus dias nulos decorrer,  
E o cansaço de nada me aumentar.

Perdura, sim, como uma mocidade  
Que a si mesma se sobrevive, a esperança,  
Mas à mesma esperança o tédio invade,  
E a mesma falsa mocidade cansa.

Ténue passar das horas sem proveito,  
Leve correr dos dias sem ação,  
Como a quem com saúde jaz no leito  
Ou quem sempre se atrasa sem razão.

Vadio sem andar, meu ser inerte  
Contempla-me, que esqueço de querer,  
E a tarde exterior seu tédio verte  
Sobre quem nada fez e nada quer.

Inútil vida, posta a um canto e ida  
Sem que alguém nela fosse, nau sem mar,  
Obra solenemente por ser lida,  
Ah, deixem-me sonhar sem esperar!

30-3-1933

Vai alta a nuvem que passa  
Branca, desfaz-se a passar,  
Até que parece no ar  
Sombra branca que esvoaça.

186

Assim no pensamento  
Alta vai a intuição,  
Mas desfaz-se em sonho vão  
Ou em vago sentimento.

E se quero recordar  
O que foi nuvem ou sentido

Só vejo alma ou céu despido  
Do que se desfaz no ar.

15-6-1933

187

O piano doutro andar  
Tem sempre um som magoado...  
Sem querer, faz-me lembrar,  
Com saudade, o passado.

Não um passado auditivo,  
Que o piano repetisse,  
Mas um que nunca foi vivo  
E só agora existisse.

É um passado absoluto,  
Abstrato, de toda a gente.  
Penso ou cismo? Sinto ou escuto?  
Sinto, ou alguém em mim sente?

Porque é que, sem nexo ou jeito,  
Fala este som casual  
Ao coração imperfeito,  
À sensação desigual?

Não sei. Mas surge do fundo  
Do meu ser desconhecido  
Um tédio de haver o mundo,  
Um horror a ter vivido.

24-6-1933

A novela inacabada  
Que o meu sonho completou,  
Não era de rei ou fada,  
Mas era de quem não sou.

188

Para além do que dizia  
Dizia eu quem não era...  
A primavera floria  
Sem que houvesse primavera.

Lenda da sombra que vivo,  
Perdida por eu sonhar...  
Livro que quis para ter  
E nunca para acabar.

18-7-1933

I

Sim, farei...; e hora a hora passa o dia...  
Farei, e dia a dia passa o mês...  
E eu, cheio sempre só do que faria,  
Vejo que o que faria se não fez,  
De mim mesmo em inútil nostalgia.

189

Farei, farei... Anos os meses são  
Quando são muitos — anos, toda a vida,  
Tudo... E sempre a mesma sensação  
Que qualquer cousa há de ser conseguida,  
E sempre quedo o pé e queda a mão...

Farei, farei, farei... Sim, qualquer hora  
Talvez me traga o esforço e a vitória,  
Mas será só se mos trouxer de fora.  
Quis tudo — a paz, a sensação, a glória...  
Que obscuro absurdo na minha alma chora?

## II

Farei talvez um dia um poema meu,  
Não qualquer coisa que, se eu a analiso,  
É só a teia que se em mim teceu  
De tanto alheio e anónimo improviso  
Que ou a mim ou a eles esqueceu...

Um poema próprio, em que me vá o ser,  
Em que eu diga o que sinto e o que sou,  
Sem pensar, sem fingir e sem querer,  
Como um lugar exato, o onde estou,  
E onde me possam como sou me ver.

Ah, mas poderei ser quem sou? Quem sabe  
Ter a alma que tem? Quem é quem é?  
Sombras de nós, só refletir nos cabe.  
Mas refletir, ramos irrealis, o quê?  
Talvez só o vento que nos fecha e abre.

## III

Sossega, coração! Não desesperes!  
Talvez um dia, para além dos dias,  
Encontres o que queres porque o queres.  
Então, livre de falsas nostalgias,  
Atingirás a perfeição de seres.

Mas pobre sonho o que só quer não tê-lo!  
Pobre esperança a de existir somente!  
Como quem passa a mão pelo cabelo  
E em si mesmo se sente diferente,  
Como faz mal ao sonho o concebê-lo!

Sossega, coração, contudo! Dorme!  
O sossego não quer razão nem causa.  
Quer só a noite plácida e enorme,

A grande, universal, solene pausa  
Antes que tudo em tudo se transforme.

2-8-1933

Todas as coisas que há neste mundo  
Têm uma história,  
Salvo estas rãs que coaxam no fundo  
Da minha memória.

190

Qualquer lugar neste mundo tem  
Um onde estar,  
Salvo este charco de onde me vem  
Esse coaxar.

Ergue-se em mim uma lua falsa  
Sobre juncais,  
E o charco emerge, que o luar realça  
Menos e mais.

Onde, em que vida, de que maneira  
Fui o que lembro  
Por este coaxar das rãs na esteira  
Do que deslembro?

Nada. Um silêncio entre juncos dorme.  
Coaxam ao fim  
De uma alma antiga que tenho enorme  
As rãs sem mim.

13-8-1933

191

Tendo criado o mundo  
E visto o que era de imperfeito,  
Deus atirou-lhe um pontapé, e ao fundo  
Do Infinito foi ter o mundo feito.  
Aqui rola, enjeitado, moribundo,  
Desde a nascença, sem feito ou jeito.

Em todo o caso, sempre que medito  
Nesse mundo atirado  
Para a amplidão fatal do infinito,  
A ação violenta que o fez ser proscrito,  
Coisa rolando na amplidão secreta  
□

E é esse o único ponto  
Do mundo em que há sinais de Deus.

13-8-1933

192

Passa uma nuvem pelo sol.  
Passa uma pena por quem vê.  
A alma é como um girassol:  
Vira-se ao que não está ao pé.

Passou a nuvem; o sol volta.  
A alegria girassolou.  
Pendão latente de revolta,  
Que hora maligna te enrolou?

14-8-1933

É suave o dia, suave o vento. 193  
É suave o sol e suave o céu.  
Assim fosse meu pensamento!  
Assim fosse eu, assim fosse eu!

Mas entre mim e as brandas glórias  
Deste céu limpo e este ar sem fim  
Intervêm sonhos e memórias...  
Ser eu assim, ser eu assim!

Ah, o mundo é quanto nós trazemos.  
Existo tudo porque existo.  
□, há porque vemos.  
E tudo é isto, tudo é isto!

15-8-1933

Entre o luar e a folhagem, 194  
Entre o sossego e o arvoredo,  
Entre o ser noite e haver aragem  
Passa um segredo.  
Segue-o minha alma na passagem.

Ténue lembrança ou saudade,  
Princípio ou fim do que não foi,  
Não tem lugar, não tem verdade,  
Atrai e dói.  
Segue-o meu ser em liberdade.

Vazio encanto ébrio de si,  
Tristeza ou alegria o traz?  
O que sou dele a quem sorri?  
Nada é nem faz.  
Só de segui-lo me perdi.

19-8-1933

195

Nuvens sobre a floresta...  
Sombra com sombra a mais...  
Minha tristeza é esta —  
A das coisas reais.

A outra, a que pertence  
Aos sonhos que perdi,  
Nesta hora não me vence;  
Se a há, não a há aqui.

Mas esta, a do arvoredo  
Que o céu sem luz invade,  
Faz-me receio e medo...  
Quem foi minha saudade?

21-8-1933

196

Oiço, como se o cheiro  
De flores me acordasse...  
É música — um canteiro  
De influência e disfarce.

Impalpável lembrança,  
Sorriso de ninguém,  
Com aquela esperança  
Que nem esperança tem...

Que importa, se sentir  
É não se conhecer?  
Oiço, e sinto sorrir  
O que em mim nada quer.

21-8-1933

Depus, cheio de sombra e de cansaço,  
As armas da magia entre onde estão  
Os livros sacros com quem tenho o laço  
Que dá à alma a Força e a Visão.  
Ai, não pude depor meu coração!

Quão alto fui para o que todos são!  
Quão baixo para quanto quis em mim!  
Vi e toquei o que a outros é visão  
Em sombras ou desejos, vaga e escura,  
Na confusão de confins sem fim.  
Sou hoje minha própria sepultura.  
Tenho deserto e alheio o coração.

Quantos, com longo estudo e fiel vontade,  
Tentam pisar as sendas do Poder,  
Sem que sintam uma única verdade,  
Sem que o invocado espírito apareça,  
Sem que o dominem, se é aparecido,  
Sem que sintam, como eu, sobre a cabeça,  
A coroa dos magos — ah, mas essa,  
Se é de glória no nítido esplendor,  
É de espinhos no íntimo sentido.

Por mais alto que o Mago suba e atinja  
O comércio dos Anjos, que há no Além,  
E da cor lívida do Além se tinja,  
Que mais que os outros, que aqui dormem, tem?  
Se a ilusão, o símbolo e a sombra  
São o que rege tudo, regerão  
O mesmo Além que o nosso esforço empana  
Com o que de ilusão a si se ensombra.

Se tudo que nos fala nos engana,  
Porque é que os Anjos não enganarão?

Vi Anjos, toquei Anjos, mas não sei  
Se Anjos existem. Tal me achei ao fim  
Desse caminho de que regressei  
E vi que nunca sairei de mim.

Vã ciência, inda que aqui, no rito certo,  
Os Anjos certos viessem à chamada,  
Servos da invocação que os trouxe perto,  
Mestres do templo que lhes foi a estrada.  
Arte vã, porque tudo, inda que obtido,  
Deixa as névoas que somos tais quais são,  
Sem mais que uma presença sem sentido,  
Passando, como um cheiro ou um ruído,  
Nas câmaras rituais da ilusão.

Anos e anos de confusa ciência,  
Lida e relida até me ser meu ser,  
Me ergueram a submersa consciência  
À superfície clara do querer.  
Tracei os sinais certos, invoquei.  
Obedeceram Anjos ao que eu quis.  
Nada sou, nada fiz e nada sei.  
Quantos se orgulhariam do que eu fiz!

.....  
Quem me diz que não há, Senhor do Mundo,  
UM Espírito que ilude? Quem me diz  
Que, quanto mais o incógnito profundo,  
Mais de ilusão e erro não me inundo?  
Sei que, quanto maior, mais infeliz.

Não há já fé, nem ciência, nem certeza  
No que sou eu pra mim. Vermes me minam

De outra, pior, mais negra natureza  
Que os que ao Mestre destroem na atra vala.  
Tudo me é escuro, inda que com destreza  
Os caminhos da sombra me iluminam  
As dez luzes divinas da Cabala.

Meus pés pisam a Câmara do Meio.  
Minhas mãos tocam o que os Anjos são.  
Já de onde estou branqueja o Limiar  
Do íntimo Sacrário. Sinto o ar  
Do silêncio ulterior tocar meu seio,  
E rasgam-se olhos no meu coração.

Mas que é tudo isto, se isto não é nada?  
Que sei eu disto, que bem pode ser  
Aquela aérea, falsa e linda estrada  
Que nos desertos se consegue ver?  
Venci? Perdi-me? Não o sei dizer.

Poder! Poder! Ah, sempre a maldição  
Da substância do mundo! Quem me dera  
Que me nascera no ermo coração  
Antes a ânsia de ser só mesquinho,  
Antes um sono cheio de perdão,  
E ser agora qual menino eu era,  
Dos mesmos Anjos mais fiel vizinho.

Caminhei como os homens; sou como esse  
Que viajou países por achar,  
E não achou mais neles do que houvesse  
Na Pátria de onde se houve de apartar.  
Tudo é aqui, mais mar ou menos mar.

Ah, não é essa a Outra Causa da alma,  
Que ela do fundo incógnito que tem

Anseia — a grande e verdadeira calma,  
Sem querer nem poder, o Sumo Bem.

Com o escopro e o malhete do alcançar  
Quebrei a Pedra Cúbica do Altar  
E a Pedra Cúbica se abriu em Cruz.

Quebrara o Altar, então a mim quebrei.  
□ então em sangue  
Sobre o centro da Cruz me derramei.

Ali sacrificado, ou sacrifício,  
Exausto, nulo, senti meu enfim  
Aquele coração que era fictício.

Presas □ as mãos  
Minha extraordinária liberdade  
Consegui. Paz profunda, meus Irmãos!

24-8-1933

198

Dá-me a verdade: dou-te a vida.  
A vida esquece como a água passa,  
E é coisa morta a coisa que é esquecida.  
Dá-me a verdade!  
Como o que nunca foi, a vida esvoaça.

Ter o que é certo nas incertas mãos!  
Saber bem o que nunca pode ser!  
Tudo isto nos faz ermos e irmãos  
No nada que nós somos.  
Dá-me poder sentir, saber querer!

Instante inútil entre ser e estar,  
Momento vácuo entre sonhar ou não,  
Tudo isto pode ser e não ficar.  
Dá-me a verdade!  
Mas deixa-me a mentira ao coração!

27-8-1933

No sono antes do sono,  
No sonho sem sonhar,  
Passam em abandono  
Sombras, formas sem dono,  
Que surgem a acabar.

199

É um mito do intervalo  
Que há entre a vida e a vida.  
Meu mal sonhar é ralo.  
A dor de que resvalo  
Não sabe quem a olvida.

E, assim, entre entre e entre  
Dos sonhos que vou tendo,  
Como um japão excentre,  
Abro a sorrir o ventre,  
E morro, o ventre vendo.

30-8-1933

Aqui onde se espera  
— Sossego, só sossego —  
Isso que outrora era,

200

Aqui onde, dormindo,  
— Sossego, só sossego —  
Se sente a noite vindo,

E nada importaria  
— Sossego, só sossego —  
Que fosse antes o dia,

Aqui, aqui estarei  
— Sossego, só sossego —  
Como no exílio um rei,

Gozando da ventura  
— Sossego, só sossego —  
De não ter a amargura

De reinar, mas guardando  
— Sossego, só sossego —  
O nome venerando...

Que mais quer quem descansa  
— Sossego, só sossego —  
Da dor e da esperança,

Que ter a negação  
— Sossego, só sossego —  
Do que os desejos são?

31-8-1933

Que linda é quem não és!  
Teu anonimato vivo  
Dorme, da cabeça aos pés,  
Teu corpo, de ti cativo.

Teu corpo é teu prisioneiro.  
Vive na cela de ti,  
Íntegro, móbil, inteiro,  
Ébrio de ti e de si.

És uma frase perfeita  
De um livro escrito na vida.  
E as vozes com que és eleita  
Deixam-te falsa e esquecida.

Entre ti e o que és de bela  
Grandes paisagens estão .....

Não existes como estás.  
Existe-te uma intenção  
Que teu lindo corpo traz  
À tona da sensação.

És uma alma em cuja vida  
Puseram teu corpo a ser.  
Essa beleza vivida  
És tu, sem te pertencer.

Qualquer espírito alto  
Serviu-se de haveres tu  
Para esculpir no basalto  
Do abismo teu corpo nu.

E assim olhas-me distante,  
Mas não te olho. Vejo em ti  
Não a alma flutuante  
Que usas, mas teu corpo em si.

Bem podes usar em gozo  
Do corpo que deram teu.  
Fica sempre misterioso,  
Filho da terra e do céu.

Não te pertence. Passou  
Na terra como o que tem  
Mais que tua alma sonhou.  
Não vives, e ele é alguém.

2-9-1933

202

De além das montanhas,  
De além do luar,  
Vêm formas estranhas.  
São gémeas do vento,  
São só pensamento.  
Mudam as entranhas  
De as ouvir passar.

Cavalgada rindo,  
Seu curso de além,  
Vem vindo, vem vindo,  
E tremem janelas,  
Velam-se as estrelas,  
E os ramos, rugindo,  
Falam como alguém.

Mas, súbito, aragem  
Que perdeu o som,  
Cessou a passagem  
Do que tirou calma  
Aos ramos e à alma.  
Só se ouviu a folhagem  
Num sussurro bom.

E, abrindo a janela,  
Contemplo, a mal ver,  
Ao luar uma estrela  
Tão vaga, tão vaga,  
Que quási se apaga.  
Quem sabe se aquela  
Vai também levada,  
Qual tanta faltada,  
Nessa cavalgada  
Que passou sem ser?

5-9-1933

Tenho comigo  
Duas saudades:  
Um amor, um amigo;  
Mas não são verdades.

203

Nenhuma me foi  
Dada nesta vida,  
Mas qualquer me dói  
Só porque é sentida.

Dói? Não sei. Parece...  
Se até o que existe  
E magoa esquece,  
É poema o ser triste.

5-9-1933

204

Teu nome, esqueci-o.  
Teu ser, o ignorei.  
Teu amor, perdi-o.  
Está bem? Não sei.  
Mais tarde direi.

Nada, no momento  
Em que existe, existe.  
Só o pensamento  
Dirá se persiste,  
Se é alegre ou triste.

Bem sei que, sorrindo,  
Sorriste a brincar..  
Mas, em eu sentindo,  
Tudo isso há de estar  
Em outro lugar.

5-9-1933

205

Redemoinha o vento,  
Anda à roda o ar.  
Vai meu pensamento  
Comigo a sonhar.

Vai saber na altura  
Como no arvoredo  
Se sente a frescura  
Passar alta a medo.

Vai saber de eu ser  
Aquilo que eu quis  
Quando ouvi dizer  
O que o vento diz.

5-9-1933

Momento impercetível, 206  
Que coisa foste, que há  
Já em mim qualquer coisa  
Que nunca passará?

Sei que, passados anos,  
O que isto é lembrarei,  
Sem saber já o que era,  
Que até já o não sei.

Mas, nada só que fosse,  
Fica dele um ficar  
Que será suave ainda  
Quando eu nem o lembrar.

5-9-1933

Vai alto pela folhagem 207  
Um rumor de pertencer,  
Como se houvesse na aragem  
Uma razão de querer.

Mas, sim, é como se o som  
Do vento no arvoredor  
Tivesse um intuito, ou bom  
Ou mau, mas feito em segredo,

E que, pensando no abismo  
Onde os ventos são ninguém,  
Subisse até onde cismo,  
E, alto, alado, num vaivém

De tormenta comovesse  
As árvores agitadas  
Até que delas me viesse  
Este mau conto de fadas.

5-9-1933

208

Quando as crianças brincam  
E eu as oiço brincar,  
Qualquer coisa em minha alma  
Começa a se alegrar.

E toda aquela infância  
Que não tive me vem,  
Numa onda da alegria  
Que não foi de ninguém.

Se quem fui é enigma  
E quem serei visão,  
Que ao menos quem sou sinta  
Isto no coração.

5-9-1933

209

Passos tardam na relva  
Entre o luar e o luar.  
Tudo é eflúvio e selva.  
Sente-se alguém passar.

Passa, sombreando leve  
O chão que o luar desmente,  
Num pálido sopro leve  
De pisar levemente.

É elfo, é gnomo, é fada  
A forma que ninguém vê?  
Lembro: não houve nada.  
Sinto, e a saudade crê.

5-9-1933

O que me dói não é  
O que há no coração  
Mas essas coisas lindas  
Que nunca existirão...

210

São as formas sem forma  
Que passam sem que a dor  
As possa conhecer  
Ou as sonhar o amor.

São como se a tristeza  
Fosse árvore e, uma a uma,  
Caíssem suas folhas  
Entre o vestígio e a bruma.

5-9-1933

Porque é que um sono agita  
Em vez de repousar  
O que em minha alma habita  
E a faz não descansar?

211

Que externa sonolência,  
Que absurda confusão,  
Me oprime sem violência,  
Me faz ver sem visão?

Entre o que vivo e a vida,  
Entre quem estou e sou,  
Durmo numa descida,  
Descida em que não vou.

E, num infiel regresso  
Ao que já era bruma,  
Sonolento me apresso  
Para coisa nenhuma.

6-9-1933

212

Contemplo o que não vejo.  
É tarde, é quasi escuro,  
E quanto em mim desejo  
Está parado ante o muro.

Por cima o céu é grande;  
Sinto árvores além;  
Embora o vento abrande,  
Há folhas em vaivém.

Tudo é do outro lado,  
No que há e no que penso.  
Nem há ramo agitado  
Que o céu não seja imenso.

Confunde-se o que existe  
Com o que durmo e sou.  
Não sinto, não sou triste,  
Mas triste é o que estou.

7-9-1933

Era um país de charcos, 213  
Uma noite de juncos,  
Sem luz, sem bem, sem barcos,  
Sem marcas e sem marcos.

Como se, feito o mundo,  
Aquilo ali ficasse  
Excluído, infecundo,  
Num silêncio profundo.

Silêncio? Não: há um ruído,  
Um sussurro impossível,  
Que se ouve sem ouvido,  
Ouvido com o olvido...

Charcos noiteando sós  
Sem luar ou astro a dar-lhes  
Esse brilho por voz.

Meu Deus, quem somos nós?

8-9-1933

Que fiz da vida? Que fiz da vida? 214  
Nem sei se nada,  
Nem sei se aquela sprança perdida  
Foi alcançada.

Porque, no incerto de tudo que há,  
Ninguém me diz  
Se é meu aquilo que tenho já  
Ou sou feliz.

Nada: uma brisa que na folhagem  
Passa, e em vão  
Medito ou sonho se foi a aragem  
Ou o coração.

11-9-1933

215

Entre o sono e o sonho,  
Entre mim e o que em mim  
É quem eu me suponho,  
Corre um rio sem fim.

Passou por outras margens,  
Diversas mais além,  
Naquelas várias viagens  
Que todo rio tem.

Chegou onde hoje habito  
A casa que hoje sou.  
Passa, se eu me medito;  
Se desperto, passou.

E quem me sinto e morre  
No que me liga a mim  
Dorme onde o rio corre —  
Esse rio sem fim.

11-9-1933

Repousa sobre o trigo 216  
Que ondula um sol parado.  
Não me entendo comigo.  
Ando sempre enganado.

Tivesse eu conseguido  
Nunca saber de mim,  
Ter-me-ia esquecido  
De ser esquecido assim.

O trigo mexe leve  
Ao sol alheio e igual.  
Como a alma aqui é breve  
Com seu bem e seu mal!

12-9-1933

Tudo que faço ou medito 217  
Fica sempre na metade.  
Querendo, quero o infinito.  
Fazendo, nada é verdade.

Que nojo de mim me fica  
Ao olhar para o que faço!  
Minha alma é lúcida e rica,  
E eu sou um mar de sargaço —

Um mar onde boiam lentos  
Fragmentos de um mar de além...  
Vontades ou pensamentos?  
Não o sei e sei-o bem.

13-9-1933

218

A lavadeira no tanque  
Bate roupa em pedra bem.  
Canta porque canta, e é triste  
Porque canta porque existe;  
Por isso é alegre também.

Ora se eu alguma vez  
Pudesse fazer nos versos  
O que a essa roupa ela fez,  
Eu perderia talvez  
Os meus destinos diversos.

Há uma grande unidade  
Em, sem pensar nem razão,  
E até cantando a metade,  
Bater roupa em realidade...  
Quem me lava o coração?

15-9-1933

219

Ó rapaz que deitas gatos,  
Deitas gatos só em pratos,  
Só em tachos e tigelas,  
Ou deitas gatos também  
Nas almas e no que há nelas  
Que as quebra em mal e em bem?

Ah, se, por qualquer magia,  
As tuas artes subissem  
Àquela melhor mestria  
De pôr gatos que se vissem  
Nesta alma que se quebrou  
No que sonho e no que sou!

Então... Qual então! Que pratos  
Dei a um poema que surgiu!  
Só concertas, só pões gatos  
No inteiro que se partiu.  
O que partido nasceu  
Nem tu consertas nem eu.

15-9-1933

Se já não torna a eterna primavera  
Que em sonhos conheci,  
O que é que o exausto coração espera  
Do que não tem em si?

220

Se não há mais florir de árvores feitas  
Só de alguém as sonhar,  
Que coisas quer o coração perfeitas,  
Quando, e em que lugar?

Não: contentemo-nos com ter a aragem  
Que, porque existe, vem  
Passar a mão sobre o alto da folhagem,  
E assim nos faz um bem.

15-9-1933

Talhei, artífice de um morto rito,  
Na esmeralda de haver um mundo feito  
Um brasão circunscrito  
No anel em que é perfeito.

221

Fiz dele o símbolo de um prazer morto,  
De um sonho por haver?

Não sei: a nau do sonho não tem porto  
E é inútil querer.

Se isto não tem sentido, as rãs coaxam  
O sentido que tem.  
Vou ver se acho nos charcos onde as acham  
Se afinal sou alguém.

15-9-1933

222

Tudo aquilo que fazemos  
Tem isto de singular:  
Não é o que nós queremos  
Faz-se porque nós vivemos,  
Que viver é não pensar.

Se alguém pensasse na vida,  
Morria de pensamento.  
Por isso a vida vivida  
É essa coisa esquecida  
Entre um momento e um momento.

Mas nada importa que o seja  
Ou que até deixe de o ser.  
Mal é que a moral nos reja,  
Bom é que ninguém nos veja;  
Entre isso fica viver.

15-9-1933

Se eu, ainda que ninguém,  
Pudesse ter sobre a face  
Aquele clarão fugace  
Que aquelas árvores têm,

223

Teria aquela alegria  
Que as cousas têm de fora,  
Porque a alegria é da hora;  
Vai com o sol quando esfria.

Qualquer coisa me valera  
Melhor que a vida que tenho —  
Ah, essa vida de estranho  
Que só do sol me viera!

16-9-1933

Há um homem que ninguém conhece,  
Que ninguém sabe de onde vem,  
Mas não pergunta: vê-o e esquece.  
Conhece-o quando vê que é esse  
Indiferentemente bem.

224

É o qualquer sempre casual  
Em qualquer rua ou avenida  
Que seja para nós local,  
A certas horas de subida  
Ou de descida — é-nos igual.

E esse homem que constante vemos,  
Que passa por nós sem que seja  
Mais que alguém que não conhecemos  
E que nunca conheceremos,  
Que o qualquer que a alma veja,

Quem diz que é só o transitório?  
Quem diz que nele, o nulo, o inglório,  
Não vai, vestido de ninguém,  
Carnal o abismo do ilusório?  
Pode ser Deus. Sabe-o alguém?

18-9-1933

(but begun before)

225

Ter pressa é não saber chegar.  
Vou devagar.  
Vou devagar porque o que é sorte,  
E o que é morte,  
Não as busco, não as evito,  
Vêm-me buscar.  
Por isso vou sob o infinito  
Sem me apressar.

Se eu for depressa, nunca chego.  
Devagar, vou  
Com o meu ser e com sossego:  
Existo, estou.

18-9-1933

226

Vem beber dois. Toda a vida  
É uma coisa sem nexo  
Que só se sente bebida  
Quando perde o nexo e o sexo.

Vem comigo conversar  
Enquanto o vinho se esgota.  
Que mais nos vale este estar  
A morrer-nos, gota a gota?

Tudo é absurdo. Nada obriga.  
E sobre esta confusão  
É ponte o fio que liga  
A taberna ao coração.

18-9-1933

A miséria do meu ser,  
Do ser que tenho a viver,  
Tornou-se uma coisa vista.  
Sou nesta vida um qualquer  
Que roda fora da pista.

227

Ninguém conhece quem sou.  
Nem eu mesmo me conheço,  
E, se me conheço, esqueço,  
Porque não vivo onde estou.  
Rodo, e o meu rodar apresso.

É uma carreira invisível,  
Salvo onde caio e sou visto,  
Porque cair é sensível  
Pelo ruído imprevisto...  
Sou assim. Mas isto é crível?

19-9-1933

Meu coração tardou. Meu coração  
Talvez se houvesse amor nunca tardasse;  
Mas, visto que, se o houve, o houve em vão,  
Tanto faz que o amor houvesse ou não.  
Tardou. Antes, de inútil, acabasse.

228

Meu coração postiço e contrafeito  
Finge-se meu. Se o amor o houvesse tido,  
Talvez, num rasgo natural de eleito,  
Seu próprio ser do nada houvesse feito,  
E sua própria essência conseguido.

Mas não. Nunca nem eu nem coração  
Fomos mais que um vestígio de passagem  
Entre um anseio vão e um sonho vão.  
Parceiros em prestidigitação,  
Caímos ambos pelo alçapão.  
Foi esta a nossa vida e a nossa viagem.

19-9-1933

229

Uns passos na relva...  
São gnomos na selva...  
Ouvem-se a distância  
Ainda que perto.  
É como a fragrância  
Que vem do deserto.

Uns passos... Ouvi-os  
Passar, não passar.  
São gnomos: senti-os.  
São gnomos, são ar.  
Por ouvi-los vi-os...  
Porque ouço a sonhar?

Uns passos... Vão indo,  
Sem se conhecer...  
Vão indo ou vão vindo?  
Não quero saber.  
Quero só não ser,  
Sonhando e sorrindo.

19-9-1933

Vão na onda militar 230  
Os soldados a marchar  
Com a banda a lhes tocar  
O como têm que andar...

Vou na onda que é a vida  
Com uma banda escondida  
A tocar como hei de estar  
Entre essa marcha perdida.

Vou e durmo o meu caminho,  
Como, no som do moinho,  
Dorme o moleiro sozinho.  
Durmo, mas sinto-me andar.

19-9-1933

Durmo. Se sonho, ao despertar não sei 231  
Que coisas eu sonhei.  
Durmo. Se durmo sem sonhar, desperto  
Para um espaço aberto  
Que não conheço, pois que despertei  
Para o que inda não sei.  
Melhor é nem sonhar nem não sonhar  
E nunca despertar.

19-9-1933

Viajar! Perder países! 232  
Ser outro constantemente,  
Por a alma não ter raízes  
De viver de ver somente!

Não pertencer nem a mim!  
Ir em frente, ir a seguir  
A ausência de ter um fim,  
E da ânsia de o conseguir!

Viajar assim é viagem.  
Mas faço-o sem ter de meu  
Mais que o sonho da passagem.  
O resto é só terra e céu.

20-9-1933

233 Começa o outono. Começou o outono.  
Não faz frio e o calor que há não existe.  
Indefinidamente tenho sono.  
Sem motivo, estou triste.

Mas se um momento, entre o que as nuvens dão  
De triste ao espaço, o sol aparecer,  
Também clareia no meu coração  
E começo a esquecer.

Não a esquecer só o que já havia  
Mas também o que estava por chegar,  
Na luminosidade fugidia,  
Do coração e do ar.

21-9-1933

234 O que tem as botas rotas  
E que pode ser um santo,  
Tem somente as botas rotas  
Por enquanto.  
Mais tarde será o santo.

O que tem grande riqueza  
E que pode um santo ser  
Por ora tem só riqueza.  
Quanto fizer  
É do rico. O outro há de ser.

Nada importa neste mundo  
Ser rico ou pobre. O que existe  
Existe só para o mundo.  
O que persiste  
É sempre o que não existe.

21-9-1933

I

235

A criança que fui chora na estrada.  
Deixei-a ali quando vim ser quem sou;  
Mas hoje, vendo que o que sou é nada,  
Quero ir buscar quem fui onde ficou.

Ah, como hei de encontrá-lo? Quem errou  
A vinda tem a regressão errada.  
Já não sei de onde vim nem onde estou.  
De o não saber, minha alma está parada.

Se ao menos atingir neste lugar  
Um alto monte, de onde possa enfim  
O que esqueci, olhando-o, relembrar,

Na ausência, ao menos, saberei de mim,  
E, ao ver-me tal qual fui ao longe, achar  
Em mim um pouco de quando era assim.

II

Dia a dia mudamos para quem  
Amanhã não veremos. Hora a hora  
Nosso diverso e sucessivo alguém  
Desce uma vasta escadaria agora.

É uma multidão que desce, sem  
Que um saiba de outros. Vejo-os meus e fora.  
Ah, que horrorosa semelhança têm!  
São um múltiplo mesmo que se ignora.

Olho-os. Nenhum sou eu, a todos sendo.  
E a multidão engrossa, alheia a ver-me,  
Sem que eu perceba de onde vai crescendo.

Sinto-os a todos dentro em mim mover-me,  
E, inúmero, prolixo, vou descendo  
Até passar por todos e perder-me.

III

Meu Deus! Meu Deus! Quem sou, que desconheço  
O que sinto que sou? Quem quero ser  
Mora, distante, onde meu ser esqueço,  
Parte, remoto, para me não ter.

22-9-1933

236

Qualquer coisa de obscuro permanece  
No centro do meu ser. Se me conheço,  
É até onde, por fim mal, tropeço  
No que de mim em mim de si se esquece.

Aranha absurda que uma teia tece  
Feita de solidão e de começo  
Fruste, meu ser anónimo confesso  
Próprio, e em mim mesmo a externa treva desce.

Mas, vinda dos vestígios da distância,  
Ninguém trouxe ao meu pálio por ter gente  
Sob ele, um rasgo de saudade ou ânsia.

Remiu-se o pecador impenitente  
À sombra e cisma. Teve a eterna infância,  
Em que comigo forma um mesmo ente.

23-9-1933 (dream)

Sonhei, confuso, e o sono foi disperso,  
Mas, quando despertei da confusão,  
Vi que esta vida aqui e este universo  
Não são mais claros do que os sonhos são.

237

Obscura luz paira onde estou converso  
A esta realidade da ilusão.  
Se fecho os olhos, sou de novo imerso  
Naquelas sombras que há na escuridão.

Escuro, escuro, tudo, em sonho ou vida,  
É a mesma mistura de entre-seres,  
Ou na noite, ou ao dia transferida.

Nada é real, nada em seus vãos moveres  
Pertence a uma forma definida,  
Rastro visto de coisa só ouvida.

28-9-1933

238

Se acaso, alheado até do que sonhei,  
Me encontro neste mundo a sós comigo,  
E, fiel ao que eu mesmo desprezei,  
Meus passos falsos verdadeiros sigo,

Desperta em mim, contrário ao que esperei  
Desta espécie de fuga, ou só abrigo,  
Não o ajustar-me com a externa lei,  
Mas o essa lei tomar como castigo.

Então, liberto já pela esperança  
Deste mundo de formas e mudança,  
Um pouco atinjo pela dor e a fé

Outro mundo, em que sonho e vida são  
Num nada nulo, igual em escuridão,  
E ao fim de tudo surge o Sol do que é.

28-9-1933

239

A lua por trás da torre  
Faz a torre diferente.  
A verdade, quando morre,  
Morre só porque não mente.

Mente a lua que se esconde  
Por trás da torre de aqui,  
Mente a torre porque é onde  
A lua não está ali.

A lua é só um reflexo,  
A torre é um vulto somente,  
E assim, num íntimo nexa,  
Qualquer diz verdade e mente.

E é desta mista incerteza  
De verdade e de mentira  
Que nasce toda a beleza —  
Que desta hora se tira.

Saibamos, dando guarida  
Ao que tudo é de metade,  
Fazer bela a nossa vida  
Mentindo com a verdade.

29-9-1933

Se é mister a doença ou a desgraça  
Para que a alma egoísta se convença  
Do que outros sofrem, pela dura graça  
Da própria dor sentida por que passa,  
Venha a nós a desgraça ou a doença!

240

Se para que eu, ignaro e alegre, saiba  
Que é meu irmão todo o que sofre e geme,  
É mister que me turve a dor ou a raiva,  
Venha a raiva depressa e que a dor caiba  
Ao meu incerto espírito que treme!

30-9-1933

Durmo ou não? Passam juntas em minha alma  
Coisas da alma e da vida em confusão,  
Nesta mistura atribulada e calma  
Em que não sei se durmo ou não.

241

Sou dois seres e duas consciências  
Como dois homens indo braço-dado.

Sonolento revolvo omnisciências,  
Turbulentamente estagnado.

Mas, lento, vago, emerjo de meu dois.  
Desperto. Enfim: sou um, há realidade.  
Espreguiço-me. Estou bem... Porquê depois,  
De quê, esta vaga saudade?

2-10-1933

242

Em que parte de que caminho  
Vou eu, que não sei onde vou?  
Na rua sei onde é que estou.  
Na vida ignoro de onde vou vizinho.

Não sei onde há esquina ou beco  
Na vida vã que vou seguindo.  
Sei que vou indo, ou não vou indo.  
Não sei se, indo ou não indo, acerto ou peço.

Ah, a desgraça nossa, que é  
Na vida escura caminhar  
Por ir, e nunca por andar!  
Que farei? Ir, ir estúpido e com fé...

2-10-1933

243

Meu coração, isto é, minha cabeça  
(Fazendo-se sentir no coração)  
Bate assustado, bate mal, depressa.  
Sinto depressa e sinto em vão.

Sei bem: ternura do que nunca foi,  
Saudades de um futuro a não haver —  
Por tudo isto bate, que lhe dói  
Na cabeça, que é o seu ser.

Porque não aprender com a verdade?  
Se a cabeça é que sente, o pensamento  
Pode bem ser o sentimento que há de  
Livrar-me do meu sentimento.

2-10-1933

Traze, porque a verdade nada traz,  
Com as mentiras dessa veste rara,  
O ouro que o traje teu sinistro faz,  
O ouro que faz sinistra a tua tiara.  
Sobre o peito a cruz jaz.

244

Traze, porque a mentira é rosa e lírio,  
O teu cansaço de eu ser tu, que vem  
Dos festivais longínquos do delírio,  
Para que seja ritual também,  
Cálice e hóstia e círio.

Traze, longínqua penitente exposta  
Aos mistérios do mundo que não há,  
A veste que sobre a alma em corpo é posta,  
A tiara de luz que a sombra dá,  
Traze o que a febre gosta.

2-10-1933

245

Vem uma linha escrita  
De versos sem razão  
Que nada em mim medita.  
Mas quem é que me a dita  
E à sua intenção?

Vejo, depois de a ter  
Escrito em sono ali,  
Que tem razão de ser,  
Que tem o que dizer,  
Que é certo o que escrevi.

Tudo vem de outra parte.  
Sombras somos, e vamos  
Atrás da nossa arte

□

E, alheios, não erramos.

Quem dita o que eu medito  
Sem me ouvir meditar?  
Quem faz que fique escrito  
O que excede o que eu dito  
Ao meu realizar?

Quem somos, se o melhor  
Que somos não é nós?

2-10-1933

246

Vêm campainhas vizinhas,  
Tocando entre nós sozinhas,  
Na tintinabulação  
Que todos são...

Pequenos sinos, meninos  
De haver além grandes sinos,  
Prenúncios de nunca haver  
Sinos sem ser...

Na tintinabulação  
Que todos que somos são,  
Tocam campainhas finas,  
Nós e meninas...

E isto, que é delírio, toca  
Sinos em que a alma evoca  
Seu menino ser de então  
Em tintinabulação...

2-10-1933

Que coisa distante  
Está perto de mim?  
Que brisa fragrante  
Me vem neste instante  
De incerto jardim?

247

Se alguém mo dissesse,  
Não quisera crer.  
Mas sinto-o, e é esse  
O ar bom que me tece  
Visões sem as ver.

Não sei se é dormindo,  
Se alheado que estou:  
Sei que estou sentindo  
A boca sorrindo  
Aos sonhos que sou.

2-10-1933

248

Na ribeira deste rio  
Ou na ribeira daquele  
Passam meus dias a fio.  
Nada me impede, me impele,  
Me dá calor ou dá frio.

Vou vendo o que o rio faz  
Quando o rio não faz nada.  
Vejo os rastros que ele traz,  
Numa seqüência arrastada,  
Do que ficou para trás.

Vou vendo e vou meditando,  
Mas não no rio que passa  
Mas só no que estou pensando,  
Porque o bem dele é que faça  
Eu não ver que vai passando.

Vou na ribeira do rio  
Que está aqui ou ali,  
E do seu curso me fio,  
Porque, se o vi ou não vi,  
Ele passa e eu confio.

2-10-1933

249

No mal estar em que vivo,  
No mal pensar em que sinto,  
Sou de mim mesmo cativo,  
A mim mesmo minto.

Se fosse outro fora outro.  
Se em mim houvesse certeza,  
Não seria o fluido e neutro  
Que ama a beleza.

Sim, que ama a beleza e a nega  
Nesta vida sem bordão  
Que contra si mesma alega  
Que tudo é vão.

2-10-1933

Quando era criança  
Vivi, sem saber,  
Só para hoje ter  
Aquela lembrança.

250

É hoje que sinto  
Aquilo que fui.  
Minha vida flui,  
Feita do que minto,

Mas nesta prisão,  
Livro único, leio  
O sorriso alheio  
De quem fui então.

2-10-1933

Chove. Há silêncio, porque a mesma chuva  
Não faz ruído senão com sossego.  
Chove. O céu dorme. Quando a alma é viúva  
Do que não sabe, o sentimento é cego.  
Chove. Quem sou renego...

251

Tão calma é a chuva que se solta do ar  
(Nem parece de nuvens) que parece  
Que não é chuva, mas um sussurrar

Que de si mesmo, ao sussurrar, se esquece.  
Chove. Nada apetece...

Não paira vento, não há céu que eu sinta.  
Chove longínqua e indistintamente,  
Como uma coisa certa que nos minta,  
Como um grande desejo que nos mente.  
Chove. Nada em mim sente...

2-10-1933

252

Grandes mistérios habitam  
O limiar do meu ser,  
O limiar onde hesitam  
Grandes pássaros que fitam  
Meu transpor tardo de os ver.

São aves cheias de abismo,  
Como nos sonhos as há.  
Hesito se sondo e cismo,  
E à minha alma é cataclismo  
O limiar onde está.

Então desperto do sonho  
E sou alegre da luz,  
Inda que em dia tristonho;  
Porque o limiar é medonho  
E todo passo é uma cruz.

2-10-1933

Meu coração, que teve vida e alma, 253  
Meu coração,  
Que outrora, nítido, esperava a palma  
Da conclusão,

Agora, inerte, onde os lajedos jazem  
Seu frio chão,  
Traz aquelas angústias que lhe trazem  
Ser mais que um coração.

10-10-1933

Um só momento 254  
Sem nada ter...  
Um pensamento  
Sem se saber...

Pouco... Um acaso  
De não pensar,  
Como um atraso  
De sossegar...

Nada... A ligeira  
Indecisão  
Que fica inteira  
No coração...

10-10-1933

Dorme, que a vida é nada! 255  
Dorme, que tudo é vão!  
Se alguém achou a estrada,  
Achou-a em confusão,  
Com a alma enganada.

Não há lugar nem dia  
Para quem quer achar,  
Nem paz nem alegria  
Para quem, por amar,  
Em quem ama confia.

Melhor entre onde os ramos  
Tecem dosséis sem ser  
Ficar como ficamos,  
Sem pensar sem querer,  
Dando o que nunca damos.

10-10-1933

256

Não sei que sonho me não descansa  
E me faz mal...  
Mas eia! o harmónio a guiar a dança  
Nesse quintal.

E eu perco o fio ao que não existe  
E oiço dançar,  
Já não alheio, nem sequer triste,  
Só de escutar.

Quanta alegria onde os outros são  
E dançam bem!  
Dei-lhes de graça meu coração  
E o que ele tem.

Na noite calma o harmónio toca  
Aquela dança,  
E o que em mim sonha um momento evoca  
Nova esperança.

Nova esperança que há de cessar  
Quando, já dia,  
O harmónio eterno que há de acabar  
Feche a alegria.

Ah, ser os outros! Se eu o pudesse  
Sem outros ser!,  
Enquanto o harmónio minha alma enchesse  
De o não saber.

10-10-1933

Pobre criança, então julgavas  
Que o amor é o que não há?  
Todas as almas nascem escravas  
Até daquilo que haverá.  
Cuidavas tu que, porque andamos,  
Crescem as ervas que pisamos  
E não que as ervas e que os ramos  
Nasceram porque a vida os dá.

257

Cuidavas que, porque querias,  
A Sorte havia de o querer,  
Que só porque tu amarias  
O amor te havia de manter.  
Não acontece que se queira  
E é acaso se o modo e a maneira  
Das coisas são um melhor estar  
Que o que acabamos de □

Quantas vezes, pobre criança,  
Terias rido dos que são  
Malucos, dos que tem speranza  
Em mais que o pobre coração.

Mas vês — não são mais iludidos  
Que esses teus pobres maus sentidos  
Que estão agora nos olvidos  
Desta exterior imensidão.

E assim mataste o pobre ser  
Que tinhas para estares viva.

17-10-1933

258

Serei amado se o quiser,  
Mas só por o poder querer  
É que a minha alma não o quer.

Tem outras faces esta vida  
Além daquela onde o sol dá.  
Muita coisa viva escondida  
Que só quem não quer achará.  
Pobre criança que vivias  
Nas margens das ribeiras frias  
Onde correm sem fim os dias  
E o tempo sempre correrá!

Tudo é outro, nada é quem é.  
Tudo que vemos ou sonhamos,  
À luz do sonho, ou à da fé,  
É outra cousa que pensamos.  
Pobre criança, e tu pensaste,  
Que te amariam, ou que amaste,  
Que nada foste, e nada achaste  
Salvo uma sombra que há dos ramos.

[17-10-1933]

Como os fumos dos casais  
No campo esparsos além,  
Que, só porque não são mais  
Que esses fumos, fazem bem;

259

Assim qualquer singeleza  
Da emoção sem pensamento  
Contém em si a beleza  
De ser só um sentimento.

Quem me dera que esta hora  
Em que não sinto o que sinto,  
Em que a alma que tenho ignora  
O com que por fora minto,

Durasse a alma que tenho,  
Nem de ser deixasse mais  
Do que o longínquo desenho  
Dos fumos que há dos casais.

20-10-1933

Quantas verdades achei!  
E eram todas desiguais.  
Quantas coisas encontrei  
Que nunca mais acharei  
A não ser no nunca mais!

260

Palavras? Não, não saber  
Como é que pensar se diz  
Ou como sentir tem ser.  
Quem saiba o que não souber —  
Esse, sim, será feliz.

20-10-1933

Eu, vindo de onde não vim,  
Perdi todos os caminhos...  
Nos dois paus me colocaram  
De uma cruz para eu ser luz.

Meu coração era a Rosa  
Numa cruz lhe deram luz  
«Em nós é que o fogo reina»  
Diziam os paus da cruz.

Tive suplício entre dois  
Que não eram quem mostravam.  
Morri como eles morreram,  
Mas morto, mais me matavam!

Cinco pétalas que eu tinha  
Em cinco chagas abriram.  
Com uma lança depois  
Meu coração descobriram.

Do sangue e água nasceram  
Dois modos de me entender...  
Para uns sou água que bebam,  
Para outros sangue que ser.

Minha história não é escrita  
Porque a escrita está errada.  
«Deus é consciência», disseram  
Ao ver minha cruz alçada.

E quando, no fim de tudo,  
Me vierem a encontrar,  
A minha Cruz será o mundo  
E eu uma rosa a sangrar.

Das rosas dessa coroa  
Que desejo fui eu só  
A que fica nesta cruz  
A dar vida e fazer dó.

E essa cruz, que é toda a gente,  
Ficará da cor da vida  
Porque esse meu sangue será  
A madeira redimida.

E, viva, da cor do fogo,  
Quando sonho é  
Será o fogo que reina  
E queima a cruz que o gera.

E a água que dei terá ido  
Pelo chão a se perder.  
Meu sangue terá tingido  
A cruz onde fui morrer.

20-10-1933

Nada... Passaram nuvens e eu fiquei  
No ar limpo não há rasto  
Surgiu a lua de onde já não sei  
Num claro luar vasto.

262

Todo o espaço da noite fica cheio  
De um peso sossegado...  
Onde porei o meu futuro e o enleio  
Que o liga ao meu passado?

E o grande céu é puro  
Mas não há onde estou  
Mais que a vereda onde eu, obscuro,  
Arrasto quem não sou.

25-10-1933

263

Eu me resigno. Há no alto da montanha  
Um penhasco saído,  
Que, visto de onde toda coisa é estranha,  
Deste vale escondido,  
Parece posto ali para o não termos,  
Para que, vendo-o ali,  
Nos contentemos só com o ali vemos  
No nosso eterno aqui...

Eu me resigno. Esse penhasco agudo,  
Talvez alcançarão  
Os que na força de irem põem tudo.  
Em teu próprio silêncio nulo e mudo,  
Não vás, meu coração.

28-10-1933

264

Na praia deserta,  
Em frente do mar,  
Minha alma desperta  
Para não pensar.

As ondas vem vindo,  
Quebram-se a luzir;  
E eu sonho, sorrindo,  
Só por as ver vir...

Inútil paisagem  
De espuma e ninguém...  
Regressam à voragem...  
Regresso também.

30-10-1933

Meu coração foi o que o mar levou  
Quando, no alto da maré,  
Tudo o que a onda é me arremessou  
Ao pé.  
Mas se o levou só o trouxe, como a imagem  
Que, refletida ao ser assim,  
Forma na sombra o rasto da paisagem  
Em mim.

265

[30-10-1933]

O sangue que circula em minhas veias  
Vem do sol por seu ser.  
Os mares que naufragam nas areias  
Vêm da lua, porque os faz mover.

266

Meu sangue é por destino e condição  
Superior ao que há  
No externo sórdido mundo. O coração  
Praias não usa, onde quebrará.

Assim, sem lhes tocar, domino as cousas  
E do meu ser solar  
Vejo as marés lunares como rosas  
Que florem onde nada pode estar...

30-10-1933

267

Na rua tive um sorriso  
Que o acaso deu,  
Direito, impreciso,  
Desde logo meu.

Um sorriso alheio  
Que só me foi dado  
Por eu estar no meio  
Do sorriso olhado.

Que me importa? A sorte  
Dá o que acontece.  
Tudo é sonho e morte:  
Num sorriso esquece.

[30-10-1933]

268

A minha camisa rota  
(Pois não tenho quem me a cosa),  
É parte minha na rota  
Que vai para qualquer cousa.  
Pois o estar rota denota  
Que a minha atenção valiosa  
Para outros cimos se volta.  
Mas sei que a camisa é nada  
Que pano assim não é mal,  
E que a camisa rasgada  
Não me traz a alma enganada,  
Porque vem por outra estrada,  
Em busca do Santo Graal.

31-10-1933

Falhei. Os astros seguem seu caminho,  
Minha alma, outrora um universo meu,  
É hoje, sei, um lúgubre escaninho  
De consciência sob a morte e o céu.

269

Falhei. Quem sou vive só de supô-lo.  
O que tive por meu ou por haver  
Fica sempre entre um polo e o outro polo  
Do que me nunca há de pertencer.

Falhei. Enfim! Consegui ser quem sou,  
O que é já nada, como a lenha velha  
Onde, pois valho só quanto me dou,  
Pegarei facilmente uma centelha.

1-11-1933

Sob a nudez do céu cheio de lua,  
Onde ser astro é empalidecer,  
Vou demoradamente pela rua,  
Pensando firmemente em nada ser.  
Mas é viver que penso, não morrer.

270

Penso naquele estado, ou intermédio  
Ou impossível, que nos surge como  
A melhor coisa que é contrária ao tédio,  
Onde nem há saudade nem assomo,  
Em que o melhor do pomo é ver o pomo.

Mas, tenha ou não algum qualquer sentido  
O estar pensando assim, o certo é que eu  
Vou demoradamente decidido  
A não ser nada, sob este amplo céu  
De que o luar é, a um tempo, luz e véu.

Bem sei que num passado já tão longe  
Que parece de um outro, ou lido, ou nada,  
Tive melhor ideia que ser monge  
E muito menos desta forma errada.  
O luar enche a rua sossegada.

1-11-1933

271

Era um major reformado  
Que tinha aquele passado  
Que os majores todos tem  
Quando a reforma lhes vem.  
Burocrata do combate,  
Viveu como um bonifrate  
O nada pra que nasceu.  
Doou-m'ò sorriso, e eu  
Escutando-o não podia  
Fingir-me que não sorria.  
Dizia ele: «O senhor,  
Que é poeta e pensador,  
Nunca pode calcular  
Como se pode passar  
Uma vida sem pensar  
Como esta que está vivida  
E teve que ser mesquinha...  
Nunca fiz nada da vida...»

Pois sim, pois sim,  
E eu da minha?  
(Eu nem posso, o que é pior,  
Ser reformado em major).

1-11-1933

**Sono**

272

Tenho tal sono que pensar é um mal.  
Tenho sono. Dormir é ser igual,  
No homem, ao despertar do animal.

É viver fundo nesse inconsciente  
Com que à tona da vida o animal sente.  
É ser meu ser profundo alheamente.

Tenho sono talvez porque toquei  
Onde sinto o animal que abandonei,  
E o sono é uma lembrança que encontrei.

1-11-1933

Depois de andar a roda  
E a sorte ter saído,  
Saiu a gente toda.  
Tinha toda perdido.

273

Mas vinha alegre toda  
Por, inda que sem ter,  
Ter visto andar a roda,  
Ter visto suceder.

Que grande benefício  
É estar onde anda a roda!  
Perde-se, enfim, um vício:  
Não ser a gente toda....

2-11-1933

274

Bom tempo esse em que a velha feia  
Que ia a coxear estrada fora  
À entrada súbita da aldeia  
Podia, ante uma ação de bem,  
Como essas que toda alma tem,  
Mostrar que era Nossa Senhora.

Bom tempo, pois significava  
Que sempre vinha um outro bem  
Quando aqui o bem se praticava  
E que toda alma poderia  
Fazendo o bem ter por magia  
Essas visões que os santos tem.

Meu coração não tem remédio,  
A fé que teve, a alma a ignora  
Presa de solidão e tédio,  
Mas talvez se eu me enternecer  
Possa na estrada da mão ver  
Indo, talvez,... Nossa Senhora.

2-11-1933

275

Na rua escura só um candeeiro  
Mostra que a rua é escura.  
Sua luz orla-a um vago nevoeiro  
Que a torna pobre e dura.

Vou só, vou também vago e também negro  
Por o que de mim sei.  
Se até de dia de mim não me alegre,  
De noite o que serei?

Mas esse candeeiro a sós comigo  
Faz-me subitamente  
Companhia, é meu par e meu amigo,  
Talvez por não ser gente.

2-11-1933

Vivo das lágrimas que lembro.  
Vivo daquilo que perdi.  
Era manhã, era dezembro.  
Tu ias morta, e eu não senti;  
Era criança, não senti.

276

Hoje relembro, hoje relembro  
Como tu antes nunca vi.  
Finjo, imagino, ou só relembro  
Esse amor onde não vivi?  
Sei que — tão longe estás! — te lembro  
E lembro e amo; morta, ali —  
Era manhã, era dezembro.

Voou longe quanto houve de ti...  
Era manhã, era dezembro.  
Mas só hoje é que te perdi.

2-11-1933

O burro apanhou pancada  
E, como é burro,  
Serviu-lhe a lição de nada.  
Não é como o homem; porque esse  
Quando um enredo se tece  
Aprende, fica lembrado...

277

Ou fica capacitado  
Que é isso que lhe acontece.  
Leitor — percorre o passado,  
Quanto aprendeste na estrada?  
Por mim, não aprendi nada,  
Como o burro.

2-11-1933

278

De bêbado, caiu-me o fósforo dos dedos...  
Grandes paisagens, grandes esperanças  
Caíram-me dos dedos  
Como o fósforo e as lembranças...

Minha tendência é divina. Bebi tanto  
Que não posso pensar nem me entreter  
Senão em musas de posição encanto.  
Entretanto, deixem-me morrer.

[2-11-1933]

279

Soa na noite de todos  
O meu relógio de mim...  
O silêncio existe a rodos  
E os astros não têm fim.

Há todo o espaço celeste  
Para eu nele meditar.  
O meu coração é este  
Que está em mim a pulsar.

Pobre músculo mortal  
Que põe vida em todo eu...  
E o relógio, seu sinal,  
Dá horas a todo o céu.

7-11-1933

Dizem que há entre a folhagem  
Quando tudo está dormindo,  
Uma coisa como a aragem  
Mas que é viva e está sentindo.

280

Não se sabe se é alguém  
De outro mundo, se de outro ser,  
Nem se está por mal ou bem  
Entre os ramos a tremer.

Mas como é que alguém conhece  
O que há quando ninguém vê?  
Alguma coisa acontece  
Quando ninguém está ao pé?

Não sei: sei que entre a folhagem  
De uma noite e dum lugar  
Move-se mais do que a aragem —  
Oíço, sinto, essa passagem...  
Sonho? Mas o que é sonhar?

8-11-1933

281

O vento da noite  
Cercou-me de nada.  
Na estrada onde eu ia  
Não havia estrada,  
Não havia nada.

E todo o silêncio  
Era um som parado.  
Quem quisesse ouvia-o  
De si destacado,  
Mas sempre parado.

Não tenho esperança.  
Cuspi a ilusão,  
Não sou quem suponho...  
Quem me dá a mão  
Sem dar-me ilusão?

15-11-1933

282

Ó vento, evocas montanhas,  
Encostas com arvoredos,  
Onde, com garras estranhas  
Com que os ramos arrepanhas,  
Fazes das árvores medos.

Evocas... Mas nesta rua  
Onde nem árvores há  
A abstrata violência tua  
É como uma pessoa nua —  
O natural que ali está!

Ninguém montanhas evoca,  
Ninguém sabe mais de ti  
Do que trazes pó à boca,  
Do que és ar que desloca  
No momento só aqui.

Meu Príncipe, o teu segredo  
De conseguir essa condição,  
Ficou lá entre o arvoredo,  
Aqui és teu arremedo,  
Vives de erguer pó do chão.

Assim meu ser com que amei  
Deuses antes de a alma ver  
Vive hoje dentro da lei  
Que fez de mim quem não sei,  
O chão do nada a varrer.

18-11-1933

Onde o sossego dorme  
Como se fosse alguém  
E à noite negra e enorme  
Nem luar nem dia vem...

283

Ali, quieto, absorto  
Em nada já saber,  
Quero, quando for morto,  
Consciente esquecer...

Deixando a vida incerta,  
Perdido o gozo e a dor,  
Sob essa noite aberta  
Sonhar sem o supor...

Até que ao fim de uma era  
Que o tempo não contou  
O que eu não reavera  
Se muda no que eu sou.

E então, e sempre, alheio  
A quanto sucedera  
Continuar no enleio  
Do sono que me dera.

19-11-1933

284

Sem dúvida que foi o único idílio  
Esse que seu obscuro curso teve  
Naquele nosso exílio  
Em que nenhum de nós esteve.

Nem faltou não haver nem tu nem eu  
Ou até esse idílio, enfim...  
Era amplo e claro o alheio céu,  
E tu sem ti, e eu sem mim.

E ali, irmãos no que não pode haver,  
Gêmeos em nada, mão em mão, sorrindo,  
Olhávamos o rio a ser não ser  
Crianças do advindo...

Depois passou ou um século ou o mundo...  
E, hoje, encontrando-nos nas ruas que há,  
Não nos lembramos desse exílio ao fundo  
Do qual nossa alma está.

Nem sei se passo por quem és na rua  
Nem se passo por mim que em mim sou preso...  
Éden no Exílio! Eu fiz a espada nua  
Erguer-se e o fiz defeso.

19-11-1933

Veio a canção lá do fundo  
Da noite e da solidão  
E não havia no mundo  
Mais nada que essa canção.

285

Eu era desperto e atento  
À janela, a quem cantava  
E a canção vinha no vento  
Só, se o vento faltava.

Alguém ia ali, e em mim  
Não sei se alguém ou não,  
Mas era voz, música, e enfim  
(Quem sou eu?) uma canção.

19-11-1933

Nas margens do rio verde  
Que por verdes margens corre  
Meu pensamento se perde.  
Como se a alma o deserde,  
Meu saber que penso morre.

286

Tão lento, tão afastado  
Do propósito de um curso  
Vai o rio, que o meu fado

Parece bem figurado  
Nesse insciente percurso.

Nada lastimo nem peço.  
Nada desejo nem creio.  
No rio verde me esqueço  
Até de que sou possesso  
Da ausência do meu enleio.

Nada, nem remos nem velas,  
Turvam a água do rio.  
E, quando anoitece, aquelas  
Ondas vão sob as estrelas  
No seu mesmo nada a fio.

Nada? Não. No meu olhar  
E no que penso por ver  
É que há um rio a mudar,  
É que há speranza de um mar,  
Mas, ai, não ânsia de o ter.

28-11-1933

287

Que suavemente!,  
Como se, estando eu doente,  
Me doesse de bem sentir o mundo  
Ruidoso e indiferente,  
Vêm estes pregões da rua,  
Com uma claridade nua,  
Do fundo  
De ali onde está toda a gente!

Inerte jazo,  
Sem dormir, cansado

De todo o atraso  
Do meu propósito enganado.  
Jazo, cansado e errado.

Jazo, mas vem de lá de fora,  
Das que trazem canastras cheias,  
Das que vão, sem pensar nem meias,  
Gritos que são como uma aurora.  
Não sei que vendem nem quem são,  
Mas cai na minha solidão  
Como um orvalho de verdade  
Aquela absurda suavidade  
De saber que as que vendem vão  
Vendendo na realidade.

2-12-1933

Canta onde nada existe  
O rouxinol que não há.  
Ouço-o, cismo, fico triste  
E a minha tristeza dá,

288

Janela aberta, para onde  
Campos de não haver são  
O onde a dríade se esconde  
Ser só imaginação...

Quem me dera que a poesia  
Fosse mais do que a escrever!  
Canta agora a cotovia  
Sem se lembrar de viver...

7-12-1933

289

Pois bem, matou-se. Morreu-lhe a filha,  
Tísica, tudo por lhe acabar.  
O vaivém tirado, o seu sonho, a ilha,  
E ele atirou-se do quarto andar.

Foi isso. Foi. Mas não estou tranquilo.  
Meu coração tem um sobressalto.  
Que foi aquilo? Que foi aquilo?  
O que há naquilo a que falho e falto?

Morreu-me pai, morreu-me mãe,  
Amei-os. Sim, mas neste momento  
Que sei eu deles? Sinto-me bem,  
Que grande pulha do sentimento!

[7-12-1933]

290

Nós esquecemos a qualquer morto  
Logo que o tempo de nada o veste.  
Meu velho Silva do pisar torto,  
Tu não esqueceste, tu não esqueceste.

E que esquecidos de nós, □ roam  
Vermes a boca que nos beijou.

[7-12-1933]

291

Vão regulares os pequenos do asilo  
Como soldados, mas com mais vagar,  
Olho-os e em mim não fica tranquilo  
O que sente a pensar.

Pobres crianças postas em fila  
Pelo Destino, quatro a quatro vão,  
Dóceis (Minha alma não está tranquila)  
Comuns na sua solidão.

10-12-1933

Vendo bem, e à luz do pensamento,  
Não sofrerei eu mais que eles? Sim,  
Talvez, talvez... mas neste momento  
Não penso em mim —

292

Penso nos que sem ninguém senão escola  
Sem achar amor senão em uniforme,  
Vão, pedintes que não pedem, sem sacola,  
Sós, juntos, pelo mundo enorme.

Seus passos são leves e breves — são de infância  
Sem pais, sem nada, iguais, regulares, vão  
Mas estão calcando, ignorantemente, na distância,  
O meu coração.

10-12-1933

Perde a mãe filhos, filhos a mãe.  
A dor começa e cansada cessa,  
E tudo esquece. Está bem, está bem...  
É bom e quente que tudo esqueça.

293

Como seria esta vida humana  
Se a gente amasse com emoção?  
Seria a tua, meu bom paisana;  
Que tenhas vivo teu coração...

[10-12-1933]

294                   Durmo, cheio de nada, e a manhã  
                          É, em meu coração,  
                          Qualquer coisa sem ser, prolixa e vã,  
                          Dada a um prolixo e vão.

O sono! este mistério entre dois dias  
Que traz ao que não dorme  
À tona de água visões más, vazias,  
Num outro mundo enorme...

O sono! que cansaço me vem dar  
O que não mais me traz  
Que uma onda lenta, sempre a ressacar,  
Sobre o que a vida faz!

11-12-1933

295                   Tenho esperança? Não tenho.  
                          Tenho vontade de a ter?  
                          Não sei. Ignoro a que venho,  
                          Quero dormir e esquecer.

Se houvesse um bálsamo da alma,  
Que nos fizesse sossegar,  
Cair numa qualquer calma,  
Em que, sem sequer pensar,

Pudéssemos ver toda a vida,  
Pensar todo o pensamento —  
Então □

11-12-1933

Era uma criança pobre a passar  
Tão pequena, e um seu olhar  
Pousou em mim, pousou em vão,  
Porque eu ia passando, pensando,  
Em grandes coisas meditando;  
Deixara em casa o coração.

296

Mas depois acordei, e vi  
Que não sentia, que não senti.  
Eu creio em Deus e em Cristo, mas não  
Tive nisso o meu coração.

Porque é que eu penso tanto e ando  
Alheio a quanto vai passando  
No mundo, e é criança até?  
Porque é que eu tenho speranza e fé  
E não sou nada do que sou?  
Porque é que a criança passou  
Sem que eu sequer a olhasse bem?  
Meu coração não é ninguém!  
Ah, o crime de não ter sentido  
Naquele olhar pobre e pedido  
Para os meus olhos sua dor!  
E eu sou poeta e pensador!

11-12-1933

Náusea. Vontade de nada.  
Existir por não morrer.  
Como as casas têm fachada,  
Tenho este modo de ser.

297

Náusea. Vontade de nada.  
Sento-me à beira da estrada.

Cansado já do caminho  
Pouso pra o lugar vizinho.

Mas náusea. Nada me pesa  
Senão a vontade presa  
Do que deixei de pensar  
Como quem fica a olhar...

8/12-12-1933

298

O mestre sem discípulos  
Tinha uma máquina errada,  
Que, apesar de ter vários manípulos,  
Nunca fazia nada.

Servia de realejo  
Quando ninguém a ouvia.  
Quando parada, dava ensejo  
A ser curiosa, mas ninguém a via.

Minha alma é talvez qualquer cousa  
Como essa máquina errada.  
É complicada, é caprichosa,  
E não serve de nada.

12/13-12-1933

299

O Mestre sacrificado  
Jaz nos cárceres lançado  
Da Bastilha de Paris.  
Sem razão foi condenado,  
Sem sentido é infeliz.

Seu suplício será feito  
Por que o sofra,  
E o Rei de França □

Lenta, uma outra aurora assoma,  
Outra luz o espaço toma,  
Outro sol é o fanal.  
Acabe o Império de Roma,  
Comece o de Portugal.

Quem me dará esse segredo  
Que nessa morte se perdeu?  
Sou levantado no degredo.  
A minha vida é erro e medo,  
Procuro em vão quem sou de meu.

Mas noutro Templo talvez tenha  
Sob o novo arco da oclusão  
Da palavra que me hoje é estranha  
A maré súbita que banha  
As praias da minha intuição.

E então liberto do passado  
Da Velha Lei e o exílio antigo,  
Poderei dar por encontrado  
Esse segredo abandonado  
Ao vago acaso do perigo.

Mas não é esse ainda o nome,  
Essa palavra ainda é vã.  
É preciso outro Templo, enorme,  
Para além  
Onde há a Estrela da Manhã.

Nesse, aí por fim nesse acharei  
O que o Mestre, ao morrer, negou.  
E aí meu ser encontrarei  
E será essa a Nova Lei  
E o Cristo, e Deus, e quem eu sou.

20-12-1933

300

A cruz do Templo aberta em inocência  
Ergue alto ao céu,  
Meu coração, e nela adquire a ciência  
De que a razão é o véu!

20-12-1933

301

O vento sopra lá fora.  
Faz-me mais sozinho, e agora,  
Porque não choro, ele chora.

É um som abstrato e fundo.  
Vem do fim vago do mundo.  
Seu sentido é-me profundo.

Diz-me que nada há em tudo.  
Que a vontade não é escudo  
E que o melhor é ser mudo.

27-12-1933

Sopra o vento, sopra o vento, 302  
Sopra alto o vento lá fora;  
Mas também meu pensamento  
Tem um vento que o devora.

Há uma íntima intenção  
Que tumultua em meu ser  
E faz do meu coração  
O que um vento quer varrer;

Não sei se há ramos deitados  
Abaixo no temporal,  
Se pés do chão levantados  
Num sopro onde tudo é igual,

Sei só que há mágoas e dores  
Destinadas a não ser  
Mais que um desfolhar de flores.

28-12-1933

Paz! Sob as árvores há paz. 303  
Sombras, que bem!  
Que fresco a alta ramagem traz  
A quem

Não pensa, nem deseja, nem conhece,  
Nem, com o coração  
Sabe que conscientemente esquece  
E esquece em vão.

28-12-1933

IMPRESA NACIONAL-CASA DA MOEDA, S. A.  
Av. de António José de Almeida  
1000-042 Lisboa

—  
[www.impresanacional.pt](http://www.impresanacional.pt)  
[www.incm.pt](http://www.incm.pt)  
[www.facebook.com/ImprensaNacional](https://www.facebook.com/ImprensaNacional)  
[editorial.apoiocliente@incm.pt](mailto:editorial.apoiocliente@incm.pt)

—  
© Ivo Castro  
e Imprensa Nacional-Casa da Moeda

—  
O livro *VINTE ANOS DE POESIA ORTÓNIMA. III — 1931-1933*  
é o sétimo título da coleção PESSOANA, série EDIÇÕES,  
e tem edição de texto de IVO CASTRO.

Tem edição, revisão e paginação  
da IMPRESA NACIONAL-CASA DA MOEDA,  
e *design* gráfico de EDUARDO AIRES.  
Foi composto em caracteres MINION PRO

—  
Edição digital gratuita, janeiro de 2021  
© Imprensa Nacional-Casa da Moeda





**S**

